

NIVEL SUPERIOR



Quem Somos

A Domina Concursos, especialista no desenvolvimento e comercialização de apostilas digitais e impressas para Concurso Públicos, tem como foco tornar simples e eficaz a forma de estudo. Com visão de futuro, agilidade e dinamismo em inovações, se consolida com reconhecimento no segmento de desenvolvimento de materiais para concursos públicos. É uma empresa comprometida com o bem-estar do cliente. Atua com concursos públicos federais, estaduais e municipais. Em nossa trajetória, já comercializamos milhares de apostilas, sendo digitais e impressas. E esse número continua aumentando.

MISSÃO

Otimizar a forma de estudo, provendo apostilas de excelência, baseados nas informações de editais dos concursos públicos, para incorporar as melhores práticas, com soluções inovadoras, flexíveis e de simples utilização e entendimento.

VISÃO

Ser uma empresa de Classe Nacional em Desenvolvimento de Apostilas para Concursos Públicos, com paixão e garra em tudo que fazemos.

VALORES

- Respeito ao talento humano
- Foco no cliente
- Integridade no relacionamento
- Equipe comprometida
- Evolução tecnológica permanente
- Ambiente diferenciado
- Responsabilidade social



HABILITADA P/ IMPRESSÃO



PROIBIDO CÓPIA

Não é permitida a revenda, rateio, cópia total ou parcial sem autorização da Domina Concursos, seja ela cópia virtual ou impressa. Independente de manter os créditos ou não, não importando o meio pelo qual seja disponibilizado: link de download, Correios, etc...

Caso houver descumprimento, o autor do fato poderá ser indiciado conforme art. 184 do CP, serão buscadas as informações do responsável em nosso banco de dados e repassadas para as autoridades responsáveis.



Conhecimentos específicos

*"Camuflar um erro seu é
anular a busca pelo
conhecimento. Aprenda
com eles e faça novamente
de forma correta."*

Nara Nubia Alencar

Organização do Trabalho Pedagógico na Escola

No ensino da Educação Infantil, as instituições se aparelha de forma incisiva com a necessidade social que está culturalmente descrita. No âmbito do currículo, há a significação de como se dará a organização do trabalho pedagógico como explicitação do fazer da escola e do professor, mostrando que sucedem ações ordenadas e amparadas por uma filosofia educacional. E é neste sentido que o professor desempenha papel fundamental, visto que ele organizará o dia-a-dia das vivências que as crianças terão acesso na Educação Infantil, e bem como os procedimentos que as levarão a atingir maiores níveis de desenvolvimento.

Falar de organização remete-se a um acompanhamento e controle que objetiva detalhar as metas e prioridades dentro do trabalho docente, ou seja, a organização é uma peça chave que está intimamente ligada ao objetivo primordial da escola que é promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. É importante pontuar que a organização do trabalho pedagógico se dá em dois níveis: no da escola como um todo, com seu projeto político pedagógico e no da sala de aula, incluindo as ações do professor na dinâmica com seus alunos, através de seu planejamento e planos de aulas. Este trabalho como é mencionado por Libâneo é uma atividade global da organização que requer diligência e preparação.

"O trabalho docente é uma atividade intencional, planejada conscientemente visando a atingir objetivos de aprendizagem. Por isso precisa ser estruturado e ordenado".
LIBÂNEO, 1994, p. 96)

Neste patamar de como é descrito a organização do trabalho pedagógico, o planejamento é entendido como instrumento pelo qual se estima o modo de elaborar, executar e avaliar os planos de ensino que organizam o trabalho docente.

Porquanto o planejamento norteia as possibilidades do processo de ensino aprendizagem, constituindo-se assim, em um todo ativo, visto que ao falar de planejamento deve-se inferir como sua característica principal a reflexão. São fatores do sucesso do trabalho docente a viabilidade das ações dispostas no plano de ensino durante o planejamento, que neste contexto é um documento que descreve os procedimentos fundamentais do ensino e as respectivas considerações de controle e projeções indicativas de intervenções diárias realizadas pelos educadores.

A partir da ação docente planejada pode-se problematizá-la, ampliar a compreensão teórica sobre esta, elaborando ações estratégicas compartilhadas para transformá-las. Portanto, a definição da direção política da prática educativa decorre da análise crítica da atual prática educativa, desabranchando numa perspectiva também crítica para o futuro trabalho.

A reflexão no ato do planejamento em si incube-se de fixar parâmetros e requisitos, que se destinará ao cidadão que se quer formar dentro da atual conjuntura da sociedade, prevendo quais as aprendizagens realmente significativas e contextualizadas com as quais as crianças terão acesso e evidenciando propriedades de novos conhecimentos, uma vez que, a ação de obtenção do conhecimento deriva da relação sujeito-objeto-conhecimento, neste sentido os aspectos do planejamento são articulados na totalidade das reflexões.

Tal premissa do planejamento, ou seja, da organização pedagógica nem sempre é adotada por todos os educadores, é o que encontra-se muito no contexto geral da educação, onde profissionais necessitam restaurar sua compreensão de planificação, ainda tida como mera formalidade sistêmica e burocrática, sem ação coesa, que em linhas gerais restringe-se em um mecanismo nulo.

Em nível pedagógico do sistema educativo o professor é responsável pela organização do trabalho docente observando os tramites da função maior da escola, o de democratizar os conhecimentos construídos pela humanidade ao longo da história.

Na Educação Infantil os conteúdos programáticos dos eixos oferecem propostas de encaminhamento para alcançar os objetivos traçados pelo educador, mediando as crianças a aprenderem e a construir novos conhecimentos. Nesta direção a organização pedagógica da Educação Infantil dispõe de alternativas metodológicas como o trabalho com projetos que ressurgiu com nova terminologia "Pedagogia de Projetos" que adota uma visão global e interdisciplinar dos conteúdos. Os Temas Geradores

formam as crianças na exploração de temas cíclicos ou geradores, e os Centros de Interesse que decorre da observação, associação e expressão do agrupamento de conteúdos e atividades em torno de temas centrais.

Outro fator essencial na organização do trabalho docente diz respeito a função desempenhada pela avaliação da aprendizagem. Comumente são instrumentos avaliativos encontrados na Educação Infantil os pareceres descritivos, relatórios, fichas comportamentais, etc. Esses mecanismos são geralmente uniformizados adquirindo assim uma conotação mecânica, onde acata mais os interesses da família, do que descrevem o real grau de desenvolvimento infantil.

Apreender os elementos que compõem a organização pedagógica, são centrais na organização do planejamento de ensino, pois cuida da articulação interna que estes fazem, então, as práticas pedagógicas necessitam ser resinificadas, revendo seus paradigmas, conceitos, no movimento da ação-consideração. Diante disso, a avaliação deve ser percebida como estratégia de observação no processo individual, que declara com mais precisão as reais conquistas nas experiências educativas. E não se pauta em comportamentos padronizados, mas em dados relevantes, que encaminham novas oportunidades de desenvolvimento.

Possibilidades de organização curricular para o ensino integrado

O currículo integrado vem ganhando destaque nos debates educacionais contemporâneos brasileiros, entre outros motivos, pelo fato de ter ganhado corpo em setores do Governo Federal, em alguns governos estaduais e entre alguns pesquisadores da área de trabalho e educação a proposta de construção de um ensino médio integrado.

Também porque diferentes organizações de trabalhadores do Brasil, especialmente as vinculadas aos trabalhadores rurais, tem colocado em pauta projetos educacionais que requerem um tipo de formação que enfrente a tradicional fragmentação do ensino que marca a educação escolar brasileira, que considere os saberes dos trabalhadores e que assegure a qualificação ampla e duradoura dos trabalhadores na perspectiva da transformação social. Assim, as propostas educativas que visem uma ação pedagógica integrada são colocadas como uma necessidade e como uma possibilidade de qualificação da educação escolar ofertada no âmbito do ensino médio no Brasil.

Importância da organização Pedagógica

A Pedagogia Escolar refere-se à área da Pedagogia que estuda as questões relacionadas à educação escolar e a de atuação dos pedagogos nas escolas. A escola necessita da mediação e articulação profissional do pedagogo escolar no desenvolvimento qualitativo dos processos de ensino aprendizagem que nela ocorrem. Os professores sozinhos nas salas de aula não garantem uma aprendizagem significativa aos alunos, uma aprendizagem de efetiva qualidade demanda intervenções pedagógicas e educacionais, e para tanto o profissional em questão é o coordenador pedagógico.

Esses profissionais devem ter uma formação específica e especializada na área pedagógica: uma formação que ocorra no âmbito da Pedagogia ressalta-se que a intenção, não é colocar o pedagogo como salvador da escola, mas ressaltar a sua importância na organização e gestão do trabalho pedagógico na instituição de ensino escolar. Frente a tantos preconceitos com a profissão de professor, percebe-se que a área mais hostilizada é a pedagogia.

Diante do exposto, surge a pergunta: Qual a importância do pedagogo escolar frente às novas demandas da escola pública brasileira?

A gestão escolar vem sendo objeto de estudo não apenas em nosso país, mas em muitas outras partes do mundo. E, para compreendermos melhor a gestão, observemos as palavras de Podestá (2011, p. 14) apud Blejmar, "a gestão escolar tem a ver com desenhar situações que permitam a ação coletiva. Gerir tem a ver com desenhar, estabelecer e sustentar pautas e regras que permitam que cada um possa fazer o que lhe parece e que o produto seja bom para todos". (tradução, grifo meu). Nesse sentido observa-se que dentro da gestão de uma escola há atores que se diferenciam em suas funções, mas que cada um tanto o diretor, secretário, coordenador de turno e pedagógico têm sua importância na gestão. Neste trabalho destacaremos a importância do profissional que atua no grupo gestor como coordenador pedagógico.

Escola como instituição educacional cada vez mais complexa, necessita em seu grupo gestor da mediação profissional do pedagogo escolar no desenvolvimento qualitativo dos processos de ensino e aprendizagem que nela ocorrem. As escolas públicas foram significativamente ampliadas, trazendo grandes desafios para que se garanta qualidade formativa à população, que antes estava excluída das vagas, e se apresentam hoje como campo promissor de pesquisa e observação, assim surge a Pedagogia que recentemente foi considerada uma ciência, que demonstra um diferencial das demais ciências, pois em uma simples definição Pinto (2011), diz que “É a ciência que estuda a prática educacional e suas especificidades”.

Desde a segunda metade do século XX acumulou-se, nas escolas do sistema educacional brasileiro, uma tradição significativa do trabalho desenvolvido pelos profissionais egressos dos cursos de pedagogia sendo a maioria desses em cargos de gestão. Nos anos 60, ainda sob a égide do regime militar, segundo Vasconcelos, (2004, p. 85 a 87), surge à figura do supervisor, que mais tarde é mudada para coordenador.

Na década de 1970 vários estados brasileiros instituíram concursos públicos que por um lado ajudou a combater a política clientelista e patrimonialista, pois o acesso para a maioria desses cargos era por meio de indicação política, mas como em todas as políticas públicas implementadas, há um contraponto, a partir da década de 1990, houve a flexibilização do acesso aos cargos por especialistas de ensino a professores sem a formação especializada em pedagogia, então professores com formação em outras áreas começaram também a ocupar cargos de gestão, como diretor, vice-diretor e o mais preocupante, o de coordenador pedagógico.

Muitos estados adotaram além da eleição para diretor, a eleição de seus pares, que também auxiliou no aumento da demanda. Apenas experiência docente é insuficiente para ocupar tais cargos, ressaltando-se dentre eles o de coordenador pedagógico, tendo que se exigir uma formação específica para ocupar esses cargos, pois são eles que fazem toda a articulação na escola deste a área administrativa até a pedagógica.

Para tanto o pedagogo deve ter uma formação qualificada no campo do conhecimento pedagógico, o enfrentamento de situações no cotidiano escolar exige desse profissional um preparo pedagógico e aprofundado, diferente de apenas ter experiência profissional docente, ele deve ter um aparato teórico metodológico e seria complementar, se no seu percurso profissional, já tivesse passado pelo chão da sala de aula, para melhor mediar às interações professor – aluno. Contudo, pretende-se deixar claro que o pedagogo escolar, precisa ser valorizado e respeitado em sua formação e que é também muito importante no processo ensino-aprendizagem de uma escola, para tanto se faz necessário o desenrolar de um trabalho que analise todas as vertentes não só de sua importância dentro da instituição escolar, mas analisar desde a sua formação acadêmica que ele é realmente preparado para o desempenho de tais funções e o curso de pedagogia ainda realiza um importante papel na educação e para sermos mais específicas, na escola.

Gestão, planejamento, organização coletiva, contribuem para que o contexto escolar considere a diversidade humana, econômica, social e cultural dos grupos. A efetiva participação dos segmentos da comunidade escolar, não apenas representa-se através do estudante, do professor, do funcionário, mas através de todos os envolvidos, através de todos os sujeitos da escola e à eles ligados. Para essa escola de qualidade social que respeita os indivíduos, sua historicidade, sua individualidade, seus anseios e decepções, e prima pela formação humana integral, cabe, em tamanho igual, uma organização do trabalho pedagógico comprometido com as demandas da sociedade civil organizada. Entretanto, alguns problemas ainda persistem e relacionam-se com os conselhos de classe.

Entre os problemas levantados estão: faltas (assiduidade), pontualidade, ausência do hábito de estudar em casa. Alguns encaminhamentos nesse sentido podem ser propostos como: permanecer na escola no contra turno para estudos; fazer trabalhos de pesquisas; a cada 3 atrasos, fazer contato com a família; retomar conteúdos; oportunizar recuperações paralelas, além de outras estratégias. Contudo, há outros pontos negativos que são detectados como a queixa e outros problemas específicos. Com relação às queixas, não há justificativa plausível uma vez que se percebe tão somente desabafo. Porém, há fundamentação coerente quando se trata de problema específico que, consequentemente, requer solução.

Assim, a organização do trabalho pedagógico articulado aos direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento humano, diante da formação humana integral, deve respeitar a diversidade cultural da nação

brasileira, possibilitando a compreensão referente ao engajamento da participação, o empoderamento dos sujeitos, promovendo a melhoria de condição de vida, aumentando a autonomia e impulsionando os indivíduos. Deste modo, o empoderamento também pode ser definido como algo mais do que trabalhar conceitos, consiste na apropriação da herança cultural adicionando-se conhecimentos científicos trabalhados à luz do que há nas entrelinhas, no que há na intenção de cada sujeito que trabalha, que escreve, que atua na sociedade. Refere-se ao ler o que não está exposto, na coragem para discordar, para posicionar-se, para questionar.

[illegible]

Planejamento Participativo

O planejamento é, em primeiro lugar, um processo de tomada de decisões. É um processo de tomada de decisões e de comunicação sobre os objetivos que se devem atingir no futuro visando transformar uma dada realidade, de uma maneira mais ou menos controlada.

Um objetivo é uma descrição explícita de uma futura situação considerada como desejável. Os objetivos servem como orientação para guiar as organizações, para tomar decisões e para implementar as ações correspondentes. Os objetivos facilitam a maneira de identificar as diferentes formas de atingi-los. Também facilitam atingir um acordo sobre eles.

O planejamento participativo é a busca de uma visão múltipla, integrada e sustentável de desenvolvimento.

Cada alternativa representa um caminho possível para chegar à situação desejada, e implica outra maneira de utilizar os escassos recursos que estão à nossa disposição. Para concretizar as decisões, é necessário que as pessoas envolvidas se comprometam a atuar conforme às decisões tomadas.

O planejamento é também um processo de comunicação. Por meio da comunicação, as pessoas se sentirão comprometidas com as decisões que se tomam.

Todas as pessoas envolvidas têm idéias diferentes sobre a situação desejada e como atingi-la. Para chegar-se a um acordo, todos devem ter a oportunidade de expressar suas idéias. Também é necessário informar às pessoas sobre os antecedentes do tema com o qual se lida e sobre os mecanismos que fazem que os problemas continuem. Dessa maneira, é possível procurar distintas alternativas para resolver os problemas e apresentar opções novas.

Quando ocorre a participação de várias pessoas no planejamento, abre-se um leque bem maior de opções, mais experiências a serem passadas, diferentes olhares sobre os temas tratados. Além de permitir a ampliação da capacidade de ação, complementação de especialidades, até mesmo diminuindo custos e permitindo um trabalho com mais qualidade.

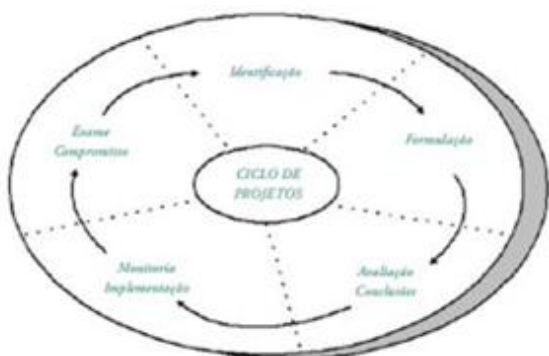
O planejamento participativo permite coordenar idéias, ações, perspectivas e compartilhar preocupações e utopias, em vez de priorizar a conformação de instâncias formais e estáticas. Não existe um "modelo" para isso. De acordo com as características próprias de cada coletivo, encontrar-se-á o mais adequado. Em todo caso, deve contribuir para maior eficácia, clareza e profundidade no que se faz. Para que o planejamento seja efetivo, é necessário garantir a participação das pessoas. Sua participação no processo de planejamento é um requisito prévio, para o sucesso.

Isso significa que o processo de planejamento deve ser organizado de maneira que as partes interessadas participem ativamente no processo de planejamento, nos momentos pertinentes.

Existem diferentes maneiras de organizar a participação das partes interessadas no processo de planejamento.

Para que os projetos sejam efetivos, eles devem ser manejados nas etapas do que apelidamos de "ciclo de projetos". Esse ciclo caracteriza-se, por ser um processo ininterrupto de planejar, acompanhar, avaliar e replanejar.

No ciclo de projetos, distinguem-se as seguintes etapas:



O ponto inicial do projeto de planejamento participativo, parte de três questões essenciais:

identificação

- o que queremos alcançar?

Formulação

- A que distância estamos daquilo que queremos alcançar?

Neste momento se inclui a identificação dos problemas, seus indicadores (apresentação dos dados quantitativos ou qualitativos que demonstram a existência do problema) e suas causas (descrição, de forma clara e objetiva, das principais causas do problema selecionado).

Uma análise dos antecedentes da situação problemática e das experiências prévias para resolver os problemas, dará informação útil para o processo de planejamento.

É fundamental fazer que os problemas a serem tratados pelo plano partam do seio da comunidade e torna-se necessário também hierarquizá-los. Para tal será útil elaboração de uma árvore de problemas, enquanto método que mostra a relação entre a causa e o efeito dos problemas identificados.

As seguintes recomendações podem ajudar a construir a árvore:

controlar o alcance do assunto ou do problema e limitar a discussão ao tema do projeto; evitar que a discussão dê voltas.

Assegurar que a informação oferecida por todos os atores e sobre os atores esteja incluída na análise do problema, também a informação dos atores que não participam diretamente.

Aspirar a que os participantes cheguem a um acordo claro sobre a árvore de problemas.

Definir o tema com o qual o projeto pode lidar, e os temas com quais não pode lidar.

Descrever a maneira em que foi realizada a análise do problema e do processo de planejamento (quando, quais partes estavam envolvidas, que método foi utilizado, etc.)

Exame e Compromisso

O que faremos concretamente (em um prazo predeterminado) para diminuir esta distância?

Envolve as operações (seleção de uma ou mais estratégia que visando resolver o problema e atingir os objetivos), tomando em conta as próprias possibilidades e identidade como entidade executora do projeto.), os recursos necessários e a definição do prazo de execução

Implementação e acompanhamento da execução das operações pensadas

Avaliação/Revisão

contempla os resultados esperados com cada operação, a avaliação da operação e, finalmente, a revisão geral de todas as operações.

Análise dos resultados e do impacto do projeto. A avaliação deve começar durante a implementação, para poder tomar medidas para resolver eventuais problemas. Depois da implementação do projeto, a avaliação é utilizada para emitir recomendações para projetos similares ou projetos de continuação. Sam kaner et al na obra "facilitator's guide to participatory decision-making" e propõe uma visão do planejamento participativo envolvendo três etapas:

Na zona divergente na qual se deve buscar ampliar os elementos com os quais se trabalha, sem a preocupação em avaliar se são pertinentes ou não, nem de estruturar as informações para melhorar o entendimento. Essa etapa constitui-se de três atividades principais: reconhecer o território, na qual os diferentes pontos de vista são coletados; buscar alternativas, na qual possíveis soluções não usuais são procuradas; e coletar pontos problemáticos, na qual deve ser estimulada a opinião acerca dos pontos mais ameaçadores com relação ao assunto que está sendo discutido.

Na zona de discussão, o esforço deve ser no sentido de construir um entendimento compartilhado por todos, de forma que os diferentes pontos de vista possam ser entendidos, ainda que não haja concordância com relação a eles.

Ela compõe-se de duas atividades: criação de um contexto compartilhado, Na qual devem ser utilizadas dinâmicas que promovam o entendimento mútuo dos pontos de vistas dos participantes; e reforço dos relacionamentos, com vistas a fazer com que os participantes se conheçam melhor, facilitando assim a comunicação.

Na zona convergente deve-se discutir as alternativas de forma que estas contemplem todos os interesses e preocupações envolvidos.

As atividades que a compõem são: exploração de princípios inclusivos, em que alguns artifícios para incorporar os interesses nas alternativas são trabalhados; reenquadramento criativo, na qual deve ser feito um esforço para ver o problema sob um ponto de vista diferente; e reforço das boas idéias, na qual as soluções devem ser avaliadas e refinadas aos poucos para alcançar o melhor resultado possível.

O resumo da obra de sam kaner et al está disponível em urbanidades)e foi adaptado para fins didáticos por Joao Jose saraiva da Fonseca

Os processo de planejamento participativo são coordenados sempre que possível por uma dupla. Uma pessoa responsabiliza-se pela coordenação e a outra pela observação do acontecer grupal.

Trabalhar um processo participativo de planejamento permite:

- * maior consciência sobre a missão da organização,
- * um melhor entendimento da estrutura da organização e da relação do ambiente interno com o contexto social, económico e político.
- * a criação de novos instrumentos de análise e previsão;
- * estabelecimento de critérios para a definição de prioridades e alocação de recursos;
- * formas de aprendizado recíproco;
- * uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas nas diferentes instâncias da organização e maior cooperação entre elas;
- * uma maior cooperação entre as diferentes instâncias no sentido de obter maior eficiência e eficácia, abrindo caminhos para novas formas de gestão, aumentando a capacidade de resposta às demandas tanto internas como externas;
- * uma otimização dos recursos disponíveis, possibilitando uma relação mais positiva entre custos e benefícios, diminuindo o peso dos gastos administrativos;
- * a definição clara de funções e a articulação funcional e operativa entre as diferentes instâncias
- * uma consciência da globalidade e interdependência entre as diversas atividades.
- * uma consciência da responsabilidade de cada um na obtenção dos resultados.

No desenvolvimento das ações de planejamento participativo acontecem por vezes erros associados a:

- não se lidar com os problemas reais dos beneficiários e das partes interessadas;
- definição dos objetivos do projeto pouco é clara ou não realistas;
- as tecnologias aplicadas não são apropriadas;
- não existe uma definição clara de quem é o “dono” do projeto;

- não se dá suficiente atenção aos valores sócio-culturais dos envolvidos;
- os riscos não são antecipados e não procura-se maneiras para evitar ou limitá-los;
- os projetos não são suficientemente sustentáveis – as atividades “morrem” quando o apoio externo diminui gradualmente.

Diante dos desafios do mundo de hoje já não se justifica a existência de organizações hierárquicas e verticalizadas; emergem estruturas horizontais com a definição clara de políticas que possibilitem a fluidez das informações, o trabalho em equipe com uma melhor distribuição de responsabilidades e a democratização da tomada de decisões, enfatizando-se a coordenação de ações entre os diferentes setores da organização.

Essa concepção de estrutura da organização se relaciona com o conceito de "empowerment" (empoderamento), tão falado, e que na realidade significa: poder com os outros, poder em conexão, poder em relação.

Esse conceito nasce de uma proposta de desenvolvimento sinérgico e não hierárquico, que se estabelece através de relações mútuas de poder entre o pensar e o agir, o decidir e o executar, assumindo como princípio que a efetividade de um processo está na capacidade de entender que o poder emana da responsabilidade de cada um e não da posição hierárquica que ocupa na organização. Todos têm um nível de responsabilidade, que se transforma em co-responsabilidade na tomada e execução das decisões.

O conceito de empoderamento está relacionado com o de potenciação. Ao exercer o poder de forma cooperativa estou potencializando os demais, ao mesmo tempo que a mim mesmo.

Essa interrelação se estabelece a partir da identificação de objetivos comuns e/ou complementares cuja realização se assegurará com a participação de todos os envolvidos no processo, possibilitando uma maior coerência entre o discurso e a prática.

Numa perspectiva de uma metodologia participativa que vise o empoderamento dos parceiros nos mais diferentes níveis, através da atividade de planejamento, podem-se criar as condições de participação para as diferentes instâncias da organização: direção, setores de gestão e execução, entidades mantenedoras ou de cooperação e beneficiários.

A prática do empoderamento no interior da organização potencializa as diferentes habilidades e capacidades, criando condições para uma maior otimização e racionalização dos recursos tanto humanos como materiais e financeiros. Em um nível mais amplo, a articulação com as diferentes instâncias da sociedade permite uma ampliação da capacidade de ação, uma complementariedade de experiências e especialidades, diminuindo custos e permitindo um trabalho com mais qualidade.

O planejamento participativo não dispensa uma coordenação que vai exercer um papel de liderança que é o de articular e catalizar os diferentes interesses e potenciais, no sentido de que cada parte envolvida tenha uma forma de participação nas deliberações e se responsabilize pelos resultados. A liderança é incentivadora, dinamizadora, facilitadora do processo, tendo como principal instrumento a informação e a formação nos mais diferentes níveis.

Trabalhar Um Processo Participativo De Planejamento Permite:

Maior consciência sobre a missão da organização,

Um melhor entendimento da estrutura da organização e da relação do ambiente interno com o contexto social, económico e político.

A criação de novos instrumentos de análise e previsão;

Estabelecimento de critérios para a definição de prioridades e alocação de recursos;

Formas de aprendizado recíproco;

Uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas nas diferentes instâncias da organização e maior cooperação entre elas;

Planejamento Escolar

1. O Que E Para Quê: Finalidade

Em primeiro lugar, o planejamento serve para questionar e precisar o que será ensinado e por quais motivos. Assim, ele esboça as intenções da instituição de ensino, explicitando o que cada turma ou professor espera atingir ao final do período letivo contemplado no plano.

No momento de esclarecer o que será ensinado, ou seja, o conteúdo de cada disciplina, para cada ano e em cada etapa, é importante basear-se nas diretrizes repassadas pelo MEC — por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo — e pelas secretarias municipais e estaduais.

Além disso, cabe lembrar que a escola também tem liberdade para acrescentar seus próprios projetos e conteúdos no currículo. É sobretudo neste ponto que entra a questão do para quê e da própria identidade da escola.

Isso porque o planejamento não deve limitar-se aos conteúdos curriculares previstos por lei, mas deve focar-se ainda em cumprir a missão proposta pela escola em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), considerando seus valores e o tipo de cidadão que pretende formar.

Outro ponto indispensável nesse momento e que contempla tanto a questão curricular em si quanto sua finalidade, é a necessidade de se considerar a progressão dos alunos pelo conhecimento de uma maneira mais macroscópica. Isso significa não perder de vista, no planejamento de cada série, o panorama de todo um ciclo de aprendizado em que cada nova etapa exigirá o domínio de conhecimentos prévios.

Trata-se, em suma, de um projeto muito amplo, e que exatamente por isso deve ser elaborado com o apoio de toda a equipe pedagógica e deve ser revisto periodicamente.

2. Onde: Realidade

Se o passo anterior concentra-se de uma maneira mais teórica nas intenções da escola para o próximo período letivo, neste ponto deve-se compreender a realidade em que a instituição está inserida.

Nesta parte do planejamento, devem-se analisar dois aspectos da realidade escolar:

a realidade interna, que reflete a infraestrutura da instituição, a qualificação e o número dos docentes, os resultados dos alunos nas últimas etapas, as principais dificuldades enfrentadas pela gestão pedagógica, entre outros;

a realidade externa, que inclui, por exemplo, o relacionamento com os pais e responsáveis dos alunos e com a comunidade escolar, além do cumprimento das exigências do mercado e do governo.

Pesquisas, análises, avaliações diagnósticas e coleta de depoimentos de todos os membros da comunidade podem ser úteis para ajudar a compreender a situação da escola de maneira mais apurada e completa.

3. Como: Plano De Ação

Para compor um plano de ação é importante confrontar as intenções da escola com sua realidade para combinar o que se quer fazer com o que é viável e factível. A partir disso, será possível decidir como a escola poderá aproximar-se dos seus objetivos sem desconsiderar o seu contexto.

Elabora-se, então, um documento que se desdobra em vários níveis, afunilando-se da instituição de ensino como um todo até o planejamento de cada professor em cada turma e disciplina.

De maneira mais ampla, definem-se questões burocrático-administrativas que afetarão todos os alunos e professores (assim como, muitas vezes, a comunidade local), como por exemplo:

o calendário geral da instituição;

as regras de uso dos espaços coletivos (pátio, quadras, bibliotecas, laboratórios, entre outros);

os projetos interdisciplinares que devem contar com a participação de todos os alunos.

A seguir, para cada ano, define-se o calendário de avaliações, distribuem-se os alunos em turmas e monta-se a grade de horários. Por último, os professores devem ser orientados em relação ao cumprimento do currículo, de maneira a deixar claro o que se espera de cada um.

Formas de avaliação, objetivos não curriculares e diretrizes de ação em casos específicos também devem fazer parte do plano. Dessa forma, o documento cumpre seu papel como guia para toda a comunidade escolar.

Planejamento Escolar Participativo e Estratégico

O planejamento escolar participativo envolve os membros da comunidade escolar. Já o planejamento estratégico têm características mais semelhantes a um planejamento empresarial. Esses dois modelos de planejamento geram dúvidas sobre qual deverá ser escolhido e é ideal à realidade da instituição de ensino.

Planejamento Escolar Participativo

O planejamento escolar participativo é o modelo em que a tomada de decisões é influenciada pelo coletivo. Nesse modelo, todos os integrantes da comunidade escolar — diretores, coordenadores, professores, funcionários e alunos — devem apresentar e votar pautas.

Para que esse modelo funcione bem, é importante que todos os envolvidos estejam alinhados quanto ao Projeto Político Pedagógico e a realidade da escola. O planejamento participativo promove uma distribuição mais horizontal do poder de decisão e uma construção de uma cultura de planejamento coletiva.

Planejamento Escolar Estratégico

O planejamento escolar estratégico é baseado em dados quantitativos e qualitativos que devem direcionar as metas da instituição. Uma vez que, nesse modelo, o poder de decisão fica concentrado em uma pessoa — geralmente, o diretor —, a tomada de decisões acontece de forma mais objetiva.

Esse modelo de planejamento é feito por meio de uma análise de diversas áreas relevantes à escola, como situação financeira, mercado, metas de investimento e satisfação de professores, alunos e pais e responsáveis.

Como Escolher?

O tipo de planejamento ideal para cada escola depende de suas características, dos gestores e da realidade da instituição.

A busca por um equilíbrio é fundamental para atender às necessidades, valorizando os envolvidos no processo.

Independente do modelo escolhido, é importante que o planejamento seja feito de maneira organizada. Manter um cronograma atualizado e alinhamento de informações é importante em ambos os processos.

Qual A Importância Do Planejamento Escolar?

Depois de entender um pouco melhor o que é, para que serve e como é feito o planejamento da escola, é possível analisar, em detalhes, porque ele é tão importante.

Transformar Ideias em Realidade

Longe de ser apenas um requisito burocrático ou um documento cujas propostas não vão sair do papel, o planejamento é uma oportunidade para que a escola repense sua missão, bem como a participação dos professores e coordenadores em seu cumprimento.

Ao confrontar a realidade da escola com as intenções da equipe e elaborar um plano de ação, o planejamento provoca um questionamento que ajuda a gerar soluções para concretizar os ideais da escola, ao mesmo tempo em que traz esses objetivos para o dia a dia da instituição.

Dessa forma, toda a equipe pode trabalhar junta em prol da mesma missão, sendo constantemente lembrada do contexto e do papel de cada um pelo planejamento geral.

Isso possibilita que cada membro da equipe direcione seu próprio trabalho para o objetivo que toda a escola tem em comum, facilitando a realização do que foi proposto e aliando todo o plano da instituição com sua missão e seus valores.

Revisar e Reavaliar O Que Já foi Feito

Outro ponto importante do planejamento é que ele obriga a equipe pedagógica a rever as ações e os resultados do passado a fim de manter as atitudes positivas e mudar aquelas que não têm levado a escola a alcançar seus objetivos.

Por consequência, a cada novo planejamento surge a oportunidade de avaliar o que foi feito no planejamento anterior e, assim, pensar em novas estratégias para que a instituição continue avançando continuamente, sempre atenta aos novos desafios e às demandas que possam surgir de dentro ou de fora da escola.

Nesse sentido, é muito importante pensar no planejamento escolar não como algo estático e definitivo, mas como um documento norteador que deve ser sempre revisado com base na realidade da instituição.

Trocar Ideias E Experiências Entre Os Docentes

A elaboração de cada novo planejamento também representa uma oportunidade de incentivar a troca de ideias e experiências entre professores e coordenadores.

Além de reportar problemas e obstáculos relativos ao planejamento anterior, chamando a atenção para o que deve ser modificado no próximo ano, o encontro de toda a equipe docente e pedagógica possibilita, por exemplo, o compartilhamento de soluções encontradas por cada um no enfrentamento de desafios em comum, assim como conhecimentos adquiridos no dia a dia ou na formação continuada.

Dessa forma, todos podem aprender uns com os outros, os laços entre as diferentes partes da equipe se estreitam e, claro, a escola levanta propostas mais eficientes para cumprir sua missão com a participação quem mais entende da sua realidade particular.

Conciliar Os Interesses De Toda A Comunidade

Considerando todo o contexto de atuação da instituição de ensino (isto é, relações internas entre discentes, docentes e funcionários; assim como externas, com os pais, o governo e toda a comunidade), o planejamento articula todos os interesses diversos com o papel da própria escola a fim de atingir seu objetivo final — educar seus alunos — da melhor forma possível.

Portanto, além de possibilitar a troca de experiências entre os membros da equipe de coordenação pedagógica e docente, o planejamento escolar também é o momento de dar voz ao conselho de pais e à comunidade, a fim de combinar os interesses de todos aqueles que de alguma forma têm participação na escola, tornando-a mais democrática e consciente das demandas externas.

Como Fazer Um Planejamento Escolar Eficiente

O planejamento é importante para que as ideias e propostas da escola não fiquem só no papel, certo?

Para isso, é fundamental passar da teoria à prática. A seguir, veja como elaborar um bom planejamento na sua instituição.

Reúna toda a equipe e incentive o debate e o diálogo

O primeiro requisito para se fazer um planejamento eficiente é reunir professores e coordenadores pedagógicos para dialogar sobre o futuro da escola.

É importante estabelecer uma relação de igualdade entre os participantes do debate, acolhendo a opinião e o conhecimento de cada um como essencial para a formação do novo planejamento.

Nesse contexto, o coordenador pode servir como mediador da discussão, dando voz a todos os participantes, anotando as pautas e propostas levantadas e conciliando interesses diversos a fim de se chegar a um consenso.

Vale lembrar que quanto mais experiências e opiniões forem compartilhadas mais rico será o debate e, consequentemente, mais democrático e assertivo será o planejamento. Principalmente nos quesitos mais polêmicos ou em relação aos obstáculos enfrentados pela escola, a diversidade de pontos de vista poderá contribuir para que se encontre mais facilmente a raiz do problema e, assim, uma solução viável para ele.

Por meio da discussão, a escola garante ainda que todos os professores e coordenadores se sintam contemplados pelo novo planejamento e compreendam sua importância, dando o seu melhor para que ele seja cumprido.

Contraste Dados Recentes Com Planejamentos Anteriores

Um bom planejamento escolar é construído com base não apenas no contexto e a realidade da escola do presente, mas também nos resultados e documentos de anos anteriores, mesmo que tenham sido elaborados por processos distintos.

Nesse contexto, é muito importante analisar os resultados por meio de dados, que oferecem uma perspectiva objetiva e precisa do que aconteceu. Assim será possível identificar de maneira assertiva as estratégias e atitudes que não têm sido positivas e substituí-las por novas soluções. Além disso, a análise de dados também vai ajudar a escola a levantar dificuldades e desafios para que sejam trabalhados e superados com a ajuda do novo planejamento.

Transforme O Planejamento Em Metas Realizáveis

Para que aquilo que foi planejado no início ano seja realmente aplicável, é imprescindível que se estabeleçam ações passíveis de serem realizadas pelos docentes. Para isso, é recomendável que todo o planejamento transforme seus objetivos propostos em tarefas que sejam:

objetivas, no sentido de trazerem ações concretas e claras;

mensuráveis, possibilitando que, mais tarde, seja possível verificar nitidamente se a ação foi concluída ou não;

datadas, isto é, com um prazo para seu cumprimento.

Nesse caso, se a escola quer melhorar o desempenho dos alunos no ENEM, por exemplo, os professores poderiam incluir no planejamento o seguinte objetivo:

“Conseguir uma média geral acima de X pontos no próximo ENEM”

Esse objetivo deve ser desdobrado em tarefas de curto prazo que permitam, ao longo do ano letivo, verificar se a escola está caminhando para o cumprimento do que foi proposto ou não. Ainda no exemplo da média geral do ENEM, uma maneira de fazer isso seria por meio de simulados regulares que indiquem o que precisa ser melhorado para se atingir o objetivo final.

Permita a flexibilidade e faça revisões regulares do plano

Como todo planejamento, aquele feito pela escola também enfrentará, ao longo de seu cumprimento, imprevistos e incidentes que obrigam a equipe a mudar de curso no meio do caminho.

Diante disso, nada melhor do que prever a necessidade dessas alterações e organizar reencontros periódicos com todos os docentes e coordenadores para avaliar e revisar o planejamento proposto.

É possível, por exemplo, promover reuniões bimestrais ou trimestrais em que os objetivos estabelecidos no planejamento são contrastados com os últimos resultados dos alunos e a vivência dos professores a fim de verificar se alguma intervenção é necessária ou se as estratégias estão mesmo funcionando.

Baseado nesses encontros, pode-se mudar de tática ou mesmo alterar as prioridades da escola e propor novas tarefas, de acordo com o que aconteceu desde o planejamento inicial.

Colha Feedbacks Diversos Constantemente

Para acompanhar o efeito do planejamento ao longo do ano letivo, é interessante que a escola esteja sempre aberta ao diálogo e incentive o feedback de toda a comunidade escolar. Isso significa que, além de organizar as reuniões regulares com os membros da equipe, é importante consultar também pais e alunos, bem como outros membros da comunidade escolar e local.

Dessa maneira, será possível manter o planejamento em concordância com as demandas e necessidades de cada um, monitorar os obstáculos enfrentados dentro e fora da escola e atentar-se para que as ideias e intenções elaboradas de início estejam sempre de acordo com a realidade mais da sala de aula e dos estudantes.

Não é recomendável que a escola busque um planejamento escolar pronto. O ideal é a construção do planejamento, que deve ser feito levando em consideração a realidade da instituição, seus pontos fortes e pontos de melhoria.

Vantagens E Benefícios De Se Ter Um Planejamento Escolar

Depois de explorar o que é o planejamento escolar, qual é a sua importância e como ele pode ser elaborado, cabe ressaltar, ainda, alguns dos principais benefícios dessa ação para a escola e para a comunidade.

Guia para o Planejamento Cotidiano dos Professores

Ao organizar — com base no Projeto Político Pedagógico da escola e na BNCC — os conteúdos a serem estudados por cada série em cada disciplina, o planejamento não só garante que todo o currículo seja contemplado adequadamente, como também facilita a organização cotidiana dos professores e a preparação das aulas.

Assim, o planejamento ajuda a nortear a atividade do professor, que deve decidir, a partir disso, como cada assunto será trabalhado e como se adequar às atividades interdisciplinares do calendário. Dessa forma, é possível:

reduzir o tempo gasto pelo professor no plano de aula diário, já que o planejamento escolar servirá de guia para orientá-lo;

organizar o conteúdo ensinado em cada ano nas diferentes turmas (para as escolas com mais de um professor da mesma disciplina lecionando no mesmo nível, por exemplo, isso é especialmente importante);

dar espaço para que intervenções pedagógicas específicas (como a necessidade da revisão de conteúdos) sejam aplicadas sem afetar os prazos gerais.

Emprego Correto dos Dados Obtidos nas Avaliações dos Alunos

Coletar dados e informações sobre o desempenho dos alunos — seja por meio das próprias atividades avaliativas internas e/ou por avaliações externas — é uma excelente maneira de identificar lacunas no aprendizado e o planejamento é o momento ideal para se pensar em ações específicas e colocá-las em prática.

Quando as provas e exames indicam, por exemplo, uma dificuldade de determinada turma em Matemática, é possível ir mais fundo para descobrir precisamente qual é o problema e, por meio do planejamento, organizar a aplicação de uma intervenção pedagógica específica para que a dificuldade seja sanada.

Da mesma forma, quando os resultados são positivos, pode-se recorrer ao planejamento para destacar as ações que deram certo para que continuem a ser aplicadas em outros contextos ou nos próximos anos letivos.

Inclusão da Formação Docente Continuada nos Objetivos da Escola

Teorias do Currículo

O currículo escolar abrange as experiências de aprendizagens implementadas pelas instituições escolares e que deverão ser vivenciadas pelos estudantes. Nele estão contidos os conteúdos que deverão ser abordados no processo de ensino-aprendizagem e a metodologia utilizada para os diferentes níveis de ensino.

Ele deve contribuir para construção da identidade dos alunos na medida em que ressalta a individualidade e o contexto social que estão inseridos. Além de ensinar um determinado assunto, deve aguçar as potencialidades e a criticidade dos alunos.

Nessa perspectiva, a função da teoria curricular é compreender e descrever fenômenos da prática curricular. É através da teoria que teremos a compreensão do objeto e intenções de um determinado grupo social. Temos como teorias do currículo:

Teorias tradicionais: ela tem como objetivo principal preparar para aquisição de habilidades intelectuais através de práticas de memorização. Esse tipo de currículo teve origem nos Estados Unidos e tem como base a tendência conservadora, baseada nos princípios de Taylor, esse que igualava o sistema educacional ao modelo organizacional e administrativo das empresas.

Teorias críticas: argumenta que não existe uma teoria neutra, já que toda teoria está baseada nas relações de poder. Isso está implícito nas disciplinas e conteúdos que reproduzem a desigualdade social que fazem com que muitos alunos saem da escola antes mesmo de aprender as habilidades das classes dominantes. Percebe o currículo como um campo que prega a liberdade e um espaço cultural e social de lutas.

Teorias pós-críticas: nessa perspectiva o currículo é tido como algo que produz uma relação de gêneros, pois predomina a cultura patriarcal. Essa teoria critica a desvalorização do desenvolvimento cultural e histórico de alguns grupos étnicos e os conceitos da modernidade, como razão e ciência.

Outra perspectiva desse currículo é a fundamentação no pós-estruturalismo que acredita que o conhecimento é algo incerto e indeterminado. Questiona também o conceito de verdade, já que leva em consideração o processo pelo qual algo se tornou verdade.

É por causa dessa divergência entre as teorias curriculares que a escola deve procurar discutir qual currículo ela quer adotar para se chegar ao objetivo desejado. Essa escolha deve ser pensada a partir da concepção do seu Projeto Político Pedagógico, esse que deve fundamentar a prática teórica da instituição e as inquietudes dos alunos.

O Currículo e a Aprendizagem

A escola, não é apenas um espaço social emancipatório ou libertador, mas também é um cenário de socialização da mudança. Sendo um ambiente social, tem um duplo currículo, o explícito e o formal, o oculto e informal.

A prática do currículo é geralmente acentuada na vida dos alunos estando associada às mensagens de natureza afetiva e às atitudes e valores. O Currículo educativo representa a composição dos conhecimentos e valores que caracterizam um processo social. Ele é proposto pelo trabalho pedagógico nas escolas.

Atualmente, o currículo é uma construção social, na acepção de estar inteiramente vinculado a um momento histórico, à determinada sociedade e às relações com o conhecimento. Nesse sentido, a educação e currículo são vistos intimamente envolvidos com o processo cultural, como construção de identidades locais e nacionais.

Hoje existem várias formas de ensinar e aprender e umas delas é o currículo oculto. Para Silva, o currículo oculto é “o conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não fazem parte explícita do currículo, mas que são implicitamente ensinados através das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola”.

Ao pensarmos no homem como um ser histórico, também refletiremos em um currículo que atenderá, em épocas diferentes a interesses, em certo espaço e tempo histórico. Existe uma diferença conceitual entre currículo, que é o conjunto de ações pedagógicas e a matriz curricular, que é a lista de disciplinas e conteúdo do currículo.

O Currículo, não é imparcial, é social e culturalmente definido, reflete uma concepção de mundo, de sociedade e de educação, implica relações de poder, sendo o centro da ação educativa. A visão do currículo está associada ao conjunto de atividades intencionalmente desenvolvidas para o processo formativo.

O currículo é um instrumento político que se vincula à ideologia, à estrutura social, à cultura e ao poder. A cultura é o conteúdo da educação, sua essência e sua defesa, e currículo é a opção realizada dentro dessa cultura. As teorias críticas nos informam que a escola tem sido um lugar de subordinação e reprodução da cultura da classe dominante, das elites, da burguesia.

Porém, com a pluralidade cultural, aparece o movimento de exigência dos grupos culturais dominados que lutam para ter suas raízes culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional, pois por trás das nossas diferenças, há a mesma humanidade.

Há várias formas de composição curricular, mas os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que os modelos dominantes na escola brasileira, multidisciplinar e pluridisciplinar, marcados por uma forte fragmentação, devem ser substituídos, na medida do possível, por uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar.

Para elaboração de um currículo escolar devemos levar em consideração as vertentes caracterizadas pela: ontologia (trata da natureza do ser); epistemologia (define a natureza dos conhecimentos e o processo de conhecer); axiologia (preocupa-se com a natureza do bom e mau, incluindo o estético). As ciências nos mostram que não há desenvolvimento sustentado sem o capital social, gerador de inovação, de responsabilidade e de participação cívica. E que a escolarização é a condição fundamental de acesso à cultura, ao sentido crítico, à participação cívica, ao reconhecimento do belo, e ao respeito pelo outro.

Teorias Curriculares

Teorias tradicionais do currículo

As teorias curriculares tradicionais, também chamadas de teorias técnicas, foram promovidas na primeira metade do século XX, sobretudo por John Franklin Bobbitt, que associava as disciplinas curriculares a uma questão puramente mecânica. Nessa perspectiva, o sistema educacional estaria conceitualmente atrelado ao sistema industrial, que, na época, vivia os paradigmas da administração científica, também conhecida como Taylorismo.

Assim, da mesma forma que o Taylorismo buscava a padronização, a imposição de regras no ambiente produtivo, o trabalho repetitivo e com base em divisões específicas de tarefas, além da produção em massa, as teorias tradicionais também seguiram essa lógica no princípio do currículo. Dessa forma, o currículo era visto como uma instrução mecânica em que se elaborava a listagem de assuntos impostos que deveriam ser ensinados pelo professor e memorizados (repetidos) pelos estudantes.

Nesse sentido, a elaboração do currículo limitava-se a ser uma atividade burocrática, desprovida de sentido e fundamentada na concepção de que o ensino estava centrado na figura do professor, que transmitia conhecimentos específicos aos alunos, estes vistos apenas como meros repetidores dos assuntos apresentados.

Teorias Críticas do Currículo

As teorias curriculares críticas basearam o seu plano teórico nas concepções marxistas e também nos ideários da chamada Teoria Crítica, vinculada a autores da Escola de Frankfurt, notadamente Max Horkheimer e Theodor Adorno. Outra influência importante foi composta pelos autores da chamada Nova Sociologia da Educação, tais como Pierre Bourdieu e Louis Althusser.

Esses autores conheceram um maior crescente de suas teorias na década de 1960, compreendendo que tanto a escola como a educação em si são instrumentos de reprodução e legitimação das desigualdades sociais propriamente constituídas no seio da sociedade capitalista. Nesse sentido, o currículo estaria atrelado aos interesses e conceitos das classes dominantes, não estando diretamente fundamentado ao contexto dos grupos sociais subordinados.

Assim sendo, a função do currículo, mais do que um conjunto coordenado e ordenado de matérias, seria também a de conter uma estrutura crítica que permitisse uma perspectiva libertadora e conceitualmente crítica em favorecimento das massas populares. As práticas curriculares, nesse sentido, eram vistas como um espaço de defesa das lutas no campo cultural e social.

Teorias Pós-Críticas do Currículo

Já as teorias curriculares pós-críticas emergiram a partir das décadas de 1970 e 1980, partindo dos princípios da fenomenologia, do pós-estruturalismo e dos ideais multiculturais. Assim como as teorias críticas, a perspectiva pós-crítica criticou duramente as teorias tradicionais, mas elevaram as suas condições para além da questão das classes sociais, indo direto ao foco principal: o sujeito.

Desse modo, mais do que a realidade social dos indivíduos, era preciso compreender também os estigmas étnicos e culturais, tais como a racialidade, o gênero, a orientação sexual e todos os elementos próprios das diferenças entre as pessoas. Nesse sentido, era preciso estabelecer o combate à opressão de grupos semanticamente marginalizados e lutar por sua inclusão no meio social.

As teorias pós-críticas consideravam que o currículo tradicional atuava como o legitimador dos modos operando dos preconceitos que se estabelecem pela sociedade. Assim, a sua função era a de se adaptar ao contexto específico dos estudantes para que o aluno compreendesse nos costumes e práticas do outro uma relação de diversidade e respeito. Além do mais, em um viés pós-estruturalista, o currículo passou a considerar a ideia de que não existe um conhecimento único e verdadeiro, sendo esse uma questão de perspectiva histórica, ou seja, que se transforma nos diferentes tempos e lugares.

Proposta Pedagógica

Entendemos que a escola é o espaço de formação do cidadão já que, através dela, o indivíduo pode dominar os códigos do mundo contemporâneo acumulados pela humanidade. Além disso, é no ambiente escolar que o ser humano pode desenvolver estruturas de pensamento que o tornam sujeito de sua história, possibilitando sua atuação no mundo de forma crítica e reflexiva. O caráter formativo da escola faz dela um lugar privilegiado da constituição de seres autônomos, singulares e ao mesmo tempo cooperativos.

Neste sentido, a escola não funciona apenas como transmissora de informações, mas como promotora da integração entre as experiências dos alunos de modo que eles não só adquiram novos conhecimentos como também possam desenvolver sua capacidade de aprender.

O conceito de conhecimento para o qual convergem as teorias contemporâneas aproxima-se cada vez mais da ideia de que conhecer é construir significados.

Aprender implica, necessariamente, o trabalho simbólico de “significar” a parcela da realidade que se conhece, a partir das relações que o sujeito estabelece entre o objeto e suas possibilidades de observação, reflexão e de informações que já possui. Ensinar é, portanto, um processo de construção de novos significados revendo os previamente construídos.

Tais princípios nos convocam a utilizar como metodologia uma pedagogia construtivista e sociointeracionista em que:

- O aluno é considerado participante ativo do processo de aprendizagem;
- Todo saber é considerado provisório, já que o processo cognitivo acontece por reorganização do conhecimento, ou seja, aproximações sucessivas que vão permitindo sua reconstrução;

– O professor exerce papel de intermediário entre o aluno e o conhecimento, no sentido de assegurar condições favoráveis para aprender, através de planejamento e encaminhamento de situações de ensino que garantam o desenvolvimento de capacidades essenciais.

Para tanto, utilizamos os conceitos teóricos da Psicologia Genética e da Perspectiva Histórico-Cultural da Educação que possibilitam uma compreensão mais profunda sobre os processos de desenvolvimento humano e da aprendizagem, levando-nos a entender os mecanismos pelos quais as crianças e os jovens constroem suas representações internas sobre o conhecimento, os estágios que passam durante esta construção e as influências dos condicionantes históricos e culturais na estruturação do pensamento e da linguagem.

Acreditamos que nosso papel é atuar para que os alunos aprendam o que sozinhos não têm condição de aprender. Isto, através de um processo em que o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada, ou seja, socialmente produzida e historicamente acumulada não se excluem nem se confundem, mas se integram. Daí a importância das interações entre alunos e dos alunos com parceiros experientes, entre os quais destacam-se os professores e outros agentes educativos.

É preciso que o aluno perceba a escola como um espaço de confiança onde possa ouvir e ser ouvido, falar e expressar suas emoções, construir hipóteses e ousar, sendo fundamentais as relações afetivas que se estabelecem neste espaço, como constituidoras do sujeito aprendente.

Outro aspecto importante, e que deve ser preservado no processo de ensino e aprendizagem, é o desejo de conhecer e saber. Incentivar a curiosidade em aprender é um objetivo permanente em nossa prática educativa. Isto se consegue através de intervenção pedagógica que proponha aos alunos situações desafiadoras e sintonizadas às suas capacidades e necessidades cognitivas.

Princípios Metodológicos

Para que possamos atingir aos objetivos propostos é necessário pensar em aspectos relacionados à prática pedagógica que explicitem condutas norteadoras da intervenção do professor em consonância com a concepção de ensino, de aprendizagem e de aluno adotados pela escola.

Compreendemos a criança e o jovem como:

- Seres humanos completos, ativos e capazes, sujeitos sociais e históricos inseridos em uma sociedade, em uma cultura, pertencentes a determinadas famílias;
- Seres influenciados pelo meio, mas, por sua vez, também transformadores deste;
- Seres que se desenvolvem na e pela interação com seus pares, com adultos e com o ambiente em que vivem;
- Seres únicos, com necessidades afetivas, cognitivas, sociais, culturais e físicas.

A prática educativa é bastante complexa e são inúmeras as questões que se apresentam no cotidiano, que transcendem ao planejamento didático e à própria proposta curricular. Não há, portanto, um padrão de intervenção do professor.

No entanto, há indicações e orientações no sentido de subsidiar a reflexão do profissional sobre sua prática para estabelecer uma coerência com os propostos educativos da instituição.

Alguns aspectos devem ser observados pelo professor em sua atuação pedagógica:

a) Acolhimento

Acolher é receber amorosamente o outro, sem julgá-lo previamente, para, a partir deste ponto, ter a possibilidade de construir-se e / ou restaurar-se. É importante que o professor vá ao encontro do aluno, para que possa acompanhá-lo por um novo caminho, respeitando sua singularidade e promovendo a construção de um espaço de escuta e confiança em que o aluno se sinta seguro para manifestar suas opiniões, dúvidas e dificuldades. Na verdade, o acolhimento é processual e contínuo. É um trabalho que exige cuidado e planejamento o ano inteiro.

b) Diversidade e individualidade

Considerando as diferenças maturacionais, afetivas, cognitivas e sociais dos alunos, assim como suas motivações, interesses e capacidades para a aprendizagem múltipla de cada indivíduo, cabe ao educador, oferecer um universo variado de experiências que responda e atenda às individualidades de cada um.

Individualizar o ensino não é marcar e estigmatizar os alunos pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-os e valorizando-os como fator de enriquecimento pessoal e cultural. Além disso, propiciamos o respeito às diferenças decorrentes de diversas etnias, religiões, sexo e culturas, promovendo a convivência de diferentes formas de agir e pensar.

c) Interação

A interação é entendida por nós, como forma de aprendizagem e também como um dos instrumentos didáticos centrais do educador para a promoção do ensino.

Cabe ao profissional propiciar situações que garantam a troca entre os alunos, de forma que possam expressar no grupo seus modos de agir, pensar e sentir, num ambiente acolhedor que favoreça confiança e autoestima.

A interação nem sempre é harmônica, pois envolve conflitos, disputas e divergências que revelam que conviver e trabalhar em grupo exigem uma ação educativa intencional, já que há diferentes formas de pensar a realidade. Possibilitar a troca é socializar descobertas, permitindo que cada um compartilhe com o outro seus pontos de vista e sua concepção do objeto de conhecimento.

d) Conhecimentos prévios

O educador deve considerar como ponto de partida para sua ação educativa os conhecimentos que os alunos trazem em função de suas mais variadas experiências. A partir disto, ampliar e aprofundar os conhecimentos fará com que se sintam respeitados em sua capacidade de ser e pensar.

e) Autonomia

A construção da autonomia é um processo que se dá ao longo da vida e depende da qualidade das experiências vividas por cada pessoa tanto individualmente quanto no âmbito social. O educador deve organizar situações nas quais as crianças e jovens possam viver experiências que lhes permitam paulatinamente passar da heteronomia à autonomia intelectual e moral, exercendo um papel ativo na construção de seus conhecimentos e valores.

f) Complexidade do objeto de conhecimento

A aprendizagem se dá através de sucessivas reorganizações do conhecimento e este processo é realizado pelo aluno; é ele, que através de suas ações e reflexões, faz os recortes necessários e adequados ao seu estágio de desenvolvimento. Isto aponta para a importância de apresentar o objeto tal como este é em sua complexidade e inúmeras relações e interfaces, inserindo-o em um contexto real e significativo.

A artificialização e a extrema simplificação dos conteúdos escolares reduzem as possibilidades de aprendizagem e falseiam a realidade, distanciando-os das práticas sociais. Contextualizá-los implica em torná-los mais próximos da realidade e, portanto, mais prováveis de serem apropriados.

g) Organização do tempo e do espaço

Cabe ao professor planejar atividades preocupando-se em atuar como organizador externo de crianças e jovens que estão construindo sua organização interna.

Assim uma de nossas práticas é o planejamento cooperativo, que inclui os alunos e possibilita a construção da estrutura temporal, levando-os a estabelecer prioridades e etapas de execução do trabalho.

As propostas devem ser sequenciadas com intenção de oferecer desafios com graus diferentes de complexidade para que os alunos possam, paulatinamente, resolver problemas a partir de diferentes proposições.

A organização do espaço também pode facilitar as relações de ensino e aprendizagem. A disposição do mobiliário, a seleção dos materiais ou a forma de expor as produções dos alunos na sala ou na escola, refletem a concepção e a postura pedagógica da escola.

Além disso, o processo educativo transcende o espaço da sala de aula, e a escola promove aulas-passeio, estudos de campo e visitas que enriquecem e potencializam a aprendizagem.

h) Autoria de pensamento

A partir do momento que consideramos cada pessoa sujeito de seu processo de aprendizagem e que pretendemos atuar na formação de alunos que pensem e reflitam sobre a realidade, não apenas repetindo informações, o papel da escola converte-se em algo mais ambicioso e complexo.

Para que isso se realize, temos que fazer com que todos, dentro do espaço escolar, possam refletir sobre sua prática, recriando-a constantemente.

Acreditamos que o professor, que é autor de seu trabalho, terá mais possibilidades de desenvolver a autoria de pensamento em seus alunos.

Portanto, é de sua competência, sob orientação da supervisão pedagógica, a criação de situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento do aluno. É função da escola, investir de maneira sistemática na capacitação e atualização permanente de seus profissionais, através de assessorias nas diferentes áreas, centros de estudos, supervisões e cursos de atualização.

Enfim, o educador deve tornar-se também um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua atuação, buscando subsidiá-la teoricamente.

Uma das finalidades e objetivos do CEI é formar sujeitos autônomos intelectual e moralmente, capazes de fazerem escolhas conscientes e movidas por sua própria reflexão e crítica. Dentro desta autonomia desejamos que cada aluno compreenda o seu processo de aprendizagem e busque cada vez mais o desenvolvimento de suas competências, aprendendo a aprender, e assim tornando-se autor de seu pensamento.

[illegible]

Tecnologias Da Informação E Comunicação Na Educação

Tecnologia Da Informação E Comunicação

Tecnologia da informação e comunicação (TIC) pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. As TICs são utilizadas das mais diversas formas, na indústria (no processo de automação), no comércio (no gerenciamento, nas diversas formas de publicidade), no setor de investimentos (informação simultânea, comunicação imediata) e na educação (no processo de ensino aprendizagem, na Educação a Distância).

O desenvolvimento de hardwares e softwares garante a operacionalização da comunicação e dos processos decorrentes em meios virtuais. No entanto, foi a popularização da internet que potencializou o uso das TICs em diversos campos.

Através da internet, novos sistemas de comunicação e informação foram criados, formando uma verdadeira rede. Criações como o e-mail, o chat, os fóruns, a agenda de grupo online, comunidades virtuais, web cam, entre outros, revolucionaram os relacionamentos humanos.

Através do trabalho colaborativo, profissionais distantes geograficamente trabalham em equipe. O intercâmbio de informações gera novos conhecimentos e competências entre os profissionais.

Novas formas de integração das TICs são criadas. Uma das áreas mais favorecidas com as TICs é a educacional. Na educação presencial, as TICs são vistas como potencializadoras dos processos de ensino – aprendizagem. Além disso, a tecnologia traz a possibilidade de maior desenvolvimento – aprendizagem - comunicação entre as pessoas com necessidades educacionais especiais.

As TICs representam ainda um avanço na educação a distância. Com a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos têm a possibilidade de se relacionar, trocando informações e experiências. Os professores e/ou tutores tem a possibilidade de realizar trabalhos em grupos, debates, fóruns, dentre outras formas de tornar a aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, a gestão do próprio conhecimento depende da infraestrutura e da vontade de cada indivíduo.

A democratização da informação, aliada a inclusão digital, pode se tornar um marco dessa civilização. Contudo, é necessário que se diferencie informação de conhecimento. Sem dúvida, vivemos na Era da Informação.

As Tecnologias De Informação E Comunicação (Tics) No Contexto Escolar

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido no sentido de que as novas tecnologias sejam vistas como mais uma ferramenta de auxílio ao processo de educação, como dinamizadora do processo de ensino e como instigadoras para a melhoria da aprendizagem. Para tanto, adota-se como objetivo geral: Refletir sobre o uso das novas tecnologias para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem. Visto que a simples utilização de um ou outro equipamento tecnológico não pressupõe um trabalho educativo pedagógico.

Hoje na chamada sociedade da informação, novas de formas de pensar, de agir e de comunicar-se são introduzidas como hábitos corriqueiros, são inúmeras as formas de adquirir conhecimento, bem como também são diversas as ferramentas que propiciam essa aquisição, as escolas são em geral apontadas como uma das principais alternativas para formação e desenvolvimento de cidadãos garnidos de um perfil que conduza com as exigências da sociedade moderna.

Atualmente são outras as maneiras de compreender, de perceber, de sentir e de aprender, em que a afetividade, as relações, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados. Na sociedade da informação aprende-se a reaprender, a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar, a interagir, a integrar o humano e o tecnológico, a integrar o individual, o grupal e o social.

Enfim, as tecnologias de informação e/ou comunicação possibilitam ao individuo ter acesso a milhares de informações e complexidades de contextos tanto próximos como distantes de sua realidade que, num processo educativo, pode servir como elemento de aprendizagem, como espaço de socialização, gerando saberes e conhecimentos científicos. Portanto, a internet deve ser utilizada

como uma ferramenta de auxílio na aquisição da leitura e da escrita, ferramenta esta que a escola e o professor devem introduzir na vida escolar do aluno, visto que faz parte do cotidiano dos mesmos, cabe então a escola e ao professor democratizar e orientar os alunos no uso da internet de modo a conduzi-los ao processo de construção do conhecimento, possibilitando ao professor ser mediador, isto é, acompanhar e sugerir atividades, ajudar a solucionar dúvidas e estimular a busca de um novo saber.

Elementos Históricos Sobre A Comunicação Humana

Desde o primeiro momento em que o homem passou a viver em sociedade surgiu à necessidade de se comunicar uns com os outros, para expressarem seus sentimentos e até mesmo sua cultura, por muitas vezes também se comunicavam no intuito de alertarem para algum perigo próximo.

Acredita-se que a escrita originou a partir dos desenhos de ideogramas, em que o desenho de uma laranja a representaria, ou o desenhos de duas pernas, poderiam representar tanto o ato de andar como o de ficar de pé, com o processo de evolução os símbolos acabaram por se tornarem abstratos e evoluíram de forma a não terem nenhuma relação com os caracteres originais.

A escrita é um processo simbólico que possibilitou ao homem expandir suas mensagens para muito além do seu próprio tempo e espaço, criando mensagens que se manteriam inalteradas por séculos e que poderiam ser proferidas a quilômetros de distância. O surgimento da escrita é de grande importância para a história, pois a partir desse momento que se encontram os primeiros registros de comunicação, no qual datam acontecimentos considerados importantes para a época vivida, e que seriam passados não só de um indivíduo para outro, mas de geração em geração.

As Tecnologias De Informação E Comunicação (TICS)

Com o passar do tempo o homem evoluiu, e procurou desenvolver técnicas que facilitasse sua vida em sociedade, e um dos pontos principais para a melhoria da vida em grupo é a comunicação, pois é através desta que nos tornamos sujeitos ativos e capazes, nesse processo de evolução muito se inventou e desenvolveu o que nos levou a chegar à era da comunicação tecnológica, mas todo esse processo passou por várias fases e invenções que acabaram se tornando de grande importância para toda sociedade.

Ao longo do século XX, mais precisamente entre os anos de 1940 e 1970, é que se dá o início de uma era de desenvolvimento da última geração de avanços tecnológicos. Em que através da técnica de imprimir ilustrações, como desenhos e símbolos se tornam possível transmitir informações a um determinado grupo de indivíduos, que por sua enorme expansão se torna cada vez mais acessível a um maior número de pessoas. Esse novo método de comunicação, a escrita em papel, passa a alterar o modo de vida das pessoas, pois tem maior influência sobre o modo de viver e de pensar de uma sociedade.

A partir da descoberta da técnica de imprimir, passamos por grandes invenções, como os jornais que desde seu surgimento tem o intuito de levar ao conhecimento do público acontecimentos importantes tanto sociais como políticos. O primeiro jornal publicado no Brasil foi “Gazeta do Rio de Janeiro” e data-se de 10 de Setembro de 1808.

Por volta de 1860 surge um aparelho de comunicação de grande importância também para os dias atuais, o telefone, que foi inventado pelo italiano Antonio Meucci, este o inventou com o objetivo de comunicar-se com sua esposa doente que ficava no andar superior da casa em uma cama, no mesmo ano o italiano tornou pública sua invenção. No Brasil o telefone foi instalado no ano de 1883 no Rio de Janeiro.

Após o surgimento do jornal e do telefone o homem conseguiu evoluir ainda mais com a invenção do rádio, a primeira transmissão é datada de 1900, a partir deste momento marca-se o início de uma forma de transmitir informações numa velocidade maior, pois as ondas do rádio tinham um alcance às pessoas muito superior ao do jornal, essa evolução marca o momento em que as informações passam a cruzar grandes distâncias geográficas, culturais e até mesmo cronológicas.

Outro passo importante na evolução dos meios de informação ocorreu em 1924, com o surgimento da televisão, o que tornou possível unir as técnicas do jornal, como imagens e figuras com a técnica do rádio, a fala, essa nova invenção possibilitou ver imagens em movimento juntamente com o áudio,

tornando ainda mais atrativo as informações e notícias antes transmitidas por jornais e rádio, conquistando não só o público adulto, mas também as crianças, que agora associavam o som a imagem. A esse respeito o autor Sacristan afirma:

Desta maneira, os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão, que penetra nos mais recônditos cantos da geografia, oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante bagagem de informações nos mais variados âmbitos da realidade. Os fragmentos aparentemente sem conexão e assépticos de informação variada, que a criança recebe por meio dos poderosos e atrativos meios de comunicação, vão criando, de modo sutil e imperceptível para ela, incipientes, mas arraigadas concepções ideológicas, que utiliza para explicar e interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões quanto a seu modo de intervir e reagir. (1996, p. 25)

Após passarmos por toda essa evolução, chegamos então ao que chamamos de Era da Tecnologia e da Informação, pois é no ano de 1943 que inicia-se a era do computador, a princípio era uma máquina gigantesca em que o seu principal papel era o de realizar cálculos.

Ainda na década de 1940 temos outra importante evolução tecnológica foi a invenção do telefone celular que ocorreu em 1947, embora no Brasil só tenha sido difundida no ano de 1990, a princípio no Rio de Janeiro, seguido depois pela cidade de Salvador. Sua principal função desde a invenção foi tornar fácil a comunicação entre pessoas que se encontravam em lugares diferentes e distantes, tornando assim possível a comunicação com familiares à longa distância e também solucionar alguns problemas sem que houvesse a necessidade de ir até o local naquele momento.

Em se tratando de desenvolvimento, ainda em 1971 o computador passa por uma importante transformação, na qual surge o primeiro micro computador, desde então, o homem não teve mais limites em sua evolução, e a cada dia busca inovar, atualmente além de computadores portáteis há também computadores de mão, ambos não tem mais somente a função de calcular, e sim inúmeras e variadas funções.

Junto à evolução dos computadores temos a internet, que nem sempre foi como conhecemos hoje, ela foi desenvolvida no ano de 1969, com o objetivo de auxiliar os militares durante o período da Guerra Fria na comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos da América, com o fim da guerra o sistema de comunicação tornou-se desnecessário aos militares que decidiram tornar acessível ao público a invenção.

Foi a partir do ano de 1971 professores universitários e acadêmicos dos Estados Unidos passaram a fazer uso dessa tecnologia para trocar mensagens e pensamentos. E por fim em 1990 dá-se a disseminação e popularização da rede de internet, que gradativamente vem evoluindo até os dias atuais, tornando cada vez mais indispensável para nossa vida, pois estar conectado à rede mundial de computadores é uma fonte de conhecimento, interatividade e principalmente de informação e comunicação.

As tecnologias da informação ou como conhecemos atualmente as novas tecnologias da informação e comunicação são o resultado da fusão de três vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. Elas criaram no meio educacional um encantamento em relação aos conceitos de espaço e distância, como as redes eletrônicas e o telefone celular, que nos proporcionam ter em nossas mãos o que antes estava a quilômetros de distância.

O computador interligado à internet extrapolou todos os limites da evolução tecnológica ocorrida até então, pois rompeu com as características tradicionais dos meios de comunicação em massa inventados até o presente momento, enquanto o rádio, o cinema, a imprensa e a televisão são elementos considerados unidirecionais, ou seja, são meios de comunicação em que a mensagem faz um único percurso, do emissor ao receptor, os sistemas de comunicação que estão interligados à internet propiciam aos usuários que ambos, emissor e receptor interfiram na mensagem.

Além disso, a rapidez com que a internet foi disseminada pelo mundo é enorme diante das outras tecnologias, pois, o rádio levou 38 (trinta e oito) anos para atingir um público de 50 (cinquenta) milhões nos Estados Unidos, o computador levou 16 (dezesesseis) anos, a televisão levou 13 (treze) anos e a internet levou apenas 04 (quatro) anos para alcançar 50 (cinquenta) milhões de internautas. Essas novas tecnologias transformaram a vida e o cotidiano das pessoas, tanto em seu meio de comunicação, como em todos os campos da sociedade.

A partir de 1980 o computador passou a funcionar como extensão das atividades cognitivas humanas que ativam o pensar, o criar e o memorizar. Segundo Pretto e Costa Pinto (2006), essas máquinas não estão mais apenas a serviço do homem, mas interagindo com ele, formando um conjunto pleno de significado.

É importante frisar uma interessante observação feita por Lévy (1999), “a maior parte dos programas computacionais desempenham um papel de tecnologia intelectual, ou seja, eles reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais”.

Desde que nos deparamos com a internet uma série de funções inauguradas por este advento veio facilitar a vida das pessoas, não só a comunicação se tornou mais ágil e fácil, como se tornou um meio facilitador das atividades realizadas no nosso dia a dia, pois por intermédio desta tecnologia é possível fazer praticamente tudo sem que tenhamos a necessidade de sair de casa, como por exemplo, a efetuação de compras, tanto de alimentos, como medicamentos, roupas, calçados, etc. Também podemos realizar transações bancárias sem ter que ir até o banco, o que é um ato muito importante visto que perante os perigos de assalto conseguimos realizar funções dentro de casa sem que coloquemos nossa própria vida em risco, e mais interessante ainda é podermos realizar cursos à distância, atualmente podemos nos qualificar para o mercado de trabalho, sem que haja a necessidade de termos que nos deslocar até um determinado local. Tudo isso que citamos até agora são apenas algumas das facilidades que a internet proporcionou a vida humana, se formos pensarmos na realidade é impossível numerar todos os dispositivos que temos ao nosso alcance graças a este advento tecnológico.

Atualmente a tecnologia está tão evoluída que o telefone celular que antes era usado somente para a comunicação oral, já é usado para enviar mensagens eletrônicas, tirar fotos, filmar, gravar lembretes, jogar, ouvir músicas e até mesmo como despertador, mas não para por aí, nos últimos anos, tem ganhado recursos surpreendentes até então não disponíveis para aparelhos portáteis, como GPS, videoconferências e instalação de programas variados, que vão desde ler e-book (livro eletrônico) a usar remotamente um computador qualquer, quando devidamente configurado.

As ferramentas digitais apresentam uma extensa lista de oportunidades, a sociedade em geral vislumbra um período onde todos tem acesso por meio da internet a cursos não presenciais, materiais pedagógicos virtuais, acesso a biblioteca online, banco de dados compartilhados, interação por teleconferência, blogs e grupos de discussão, fatores esses que tornam possível a universalização do ensino superior, que impressivelmente um fator de grande importância para o desenvolvimento de qualquer nação.

As tecnologias de informação e comunicação tem desempenhado um papel importante na comunicação coletiva, pois através dessa ferramenta a comunicação flui sem que haja barreira. Segundo Levy (1999), novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo da informática.

Como podemos observar o avanço tecnológico se colocou presente em todos os campos da vida social, invadindo a vida do homem no interior de sua casa, na rua onde mora, e como na educação não poderia ser diferente, invadiu também as salas de aulas com os alunos, possibilitando que condicionassem o pensar, o agir, o sentir e até mesmo o raciocínio com relação as pessoas.

Em se tratando de comunicação e informação, há uma variedade de informações que o tratamento digital proporciona, como, imagem, som, movimento, representações manipuláveis de dados e sistemas (simulações), que por sua vez oferecem um quadro de conteúdos que podem ser objeto de estudos. Todo esse aparato de informação contido na rede estão a serviço da cultura segundo Kalinke:

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado. (1999, p. 15)

Com toda agilidade que a internet proporciona a comunicação, esse se tornou o meio mais utilizado e eficaz na transmissão de mensagens. Atraindo principalmente os jovens que tem uma enorme

necessidade de interagir entre si, e tudo para eles tem que ser e acontecer de forma rápida, em casa ou em outro local, crianças, jovens e adultos tem utilizado a internet diariamente para se comunicar com amigos e familiares, além de realizarem muitas outras ações.

Esse crescente acesso de pessoas à rede mundial de computadores e o surgimento de vários gêneros digitais tem possibilitado a criação de uma maneira diferente de lidar até mesmo com a escrita e suas normas gráficas. Visto que as novas gerações tem pleno acesso à internet não só em casa ou na escola, mas também devido às Lans houses (rede locais onde há vários computadores conectados) que permitem a interação de dezenas de pessoas pelo baixo custo do serviço e uso dos equipamentos. Tal fato possibilita que todas as classes possam ter acesso a este meio de informação e comunicação.

A internet veio inaugurar uma forma de comunicação e de uso da linguagem através do surgimento dos gêneros digitais, nome dado às novas modalidades de gêneros discursivos surgidos com o advento da internet, os quais possibilitam a comunicação entre duas ou mais pessoas mediadas pelo computador. As línguas estão em constante transformação e, principalmente pelo fato de o homem estar exposto a inúmeros meios eletrônicos, é que seu modo de viver vem sofrendo diversas transformações, entre elas citamos o uso do internetês, que é uma nova modalidade de expressão e linguagem que faz uso de abreviaturas, estrangeirismos, neologismos, siglas, desenhos, ícones, gírias, símbolos, tudo com o objetivo de transmitir as emoções de quem fala. Deparamos-nos com uma nova forma de comunicação: a rede ou internet, que associou o desenvolvimento e o conhecimento tecnológico às diferentes linguagens.

O frequente contato com as diversas formas de textos em múltiplas semioses tem possibilitado que os próprios usuários inovem no uso da linguagem, testando novas formas de transcrever e apresentar a língua oral no meio virtual, dissolvendo as fronteiras que há entre a linguagem escrita e a oral. Embora para muitas pessoas a linguagem esteja sofrendo “deformações” nestes campos, podemos dizer que a palavra escrita nunca foi tão utilizada. O fato de a internet estar levando as pessoas a lerem e a usarem mais a escrita tem desenvolvido nos internautas uma habilidade no manuseio e na criação de formas específicas de lidar com a língua. Comparado com as gerações passadas, o advento da internet tem possibilitado aos adolescentes o contato com os mais variados gêneros discursivos e manifestações de linguagem, visto que são mais de cinco milhões de usuários brasileiros navegando, em alta velocidade, durante vinte quatro horas por dia. A esse respeito Lévy (1993) ressalta:

As ‘chamadas tecnologias da inteligência’, construções internalizadas nos espaços da memória das pessoas e que foram criadas pelos homens para avançar no conhecimento e aprender mais, vem ressaltando a linguagem oral, a escrita e a linguagem digital (dos computadores são exemplos paradigmáticos desse tipo de tecnologia. (CAMPOS, 2006, p.35)

Além disso, a internet oferece livros na rede, downloads de músicas, permite baixar obras clássicas de literatura e a troca ‘de experiências entre as pessoas, independente da distância em que se encontram. Essa interação proporciona o aprendizado e o desenvolvimento cultural, social e cognitivo. É a comunicação entre os homens que lhes permitem tornar cidadãos, pois através das várias formas de linguagem o homem consegue se organizar na sociedade.

Pierre Lévy (1999), em sua obra Cibercultura, afirma que a rede de computadores é um universo que permite as pessoas conectadas construir e partilhar inteligência coletiva sem submeter-se a qualquer tipo de restrição político-ideológico, ou seja, a internet é um agente humanizador porque democratiza a informação e humanitário porque permite a valorização das competências individuais e a defesa dos interesses das minorias.

Navegar na internet como ferramenta de ensino pode ser um processo de busca de informações que dependendo da situação pode transformar-se em conhecimento, gerando um ambiente interativo de aprendizagem ou pode ser um inútil coletor de dados sem a menor relevância que não proporciona nenhuma contribuição ao aluno.

Diante dessa realidade, surgem os desafios da escola, na tentativa de responder como ela poderá contribuir para que crianças, jovens e adultos tornem-se usuários criativos e críticos dessas ferramentas, evitando que se tornem meros consumidores compulsivos ou até mesmos depositários de dados, que não fazem sentido algum. Para tanto seria preciso estudar, aprender e depois ensinar

a história, a criação, a utilização e a avaliação dos equipamentos tecnológicos, analisando de forma minuciosa como estas estão presentes na sociedade e qual o impacto e implicações causados pelas mesmas na sociedade.

Como podemos observar a inserção das TICs na escola implica em muitos desafios, primeiro porque temos aqueles que acreditam que basta utilizarem as tecnologias que já temos para efetuar um bom papel na educação, segundo desafio e muito mais árduo é o fato de que temos que aprender a lidar com as novas tecnologias e esse processo não se detém de nenhuma receita, até mesmo porque interfere diretamente na política de gestão escolar e em seus currículos, o que desafia a escola a pensar e discutir o uso das TICs de forma coletiva, visto que seu principal objetivo é o de melhorar, promover e dinamizar a qualidade de ensino para que ocorra sempre de forma democrática.

Ao contrário do que grande parte da sociedade pensa, os recursos tecnológicos não foram implantados nas escolas para facilitar o trabalho dos educadores, mas para que o educando aprendesse a partir da realidade do mundo e principalmente para que esse indivíduo consiga então agir sobre essa realidade, transformando-a e assim transformando a si próprio. Todo e qualquer conhecimento implica uma série de ações, e todo indivíduo deve agir sobre o objeto do conhecimento para que se torne possível reconstruí-lo e até mesmo ressignificá-lo.

É importante frisarmos que desde a década de 1950, teóricos já chamavam atenção para o fato de que os meios de informação e comunicação constituíam uma escola onde seus indivíduos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional, inicia-se nesse momento a análise do efeito da tecnologia sobre a sociedade e a educação, pensando nesses impactos Friedmann e Pocher (1977) aponta que as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo seu modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo. O que se prima é que o uso das TICs em sala de aula faça desse local um ambiente articulador de inovações e totalmente democrático, onde professor e aluno promovam ações políticas participativas e inclusivas, transformando o ensino-aprendizagem de forma a suprir a necessidades de todos os envolvidos a partir da interatividade.

A passagem de uma sociedade fechada para uma sociedade aberta impõe aos profissionais da educação desafios, uma tomada de atitude e de coragem, pois trata de um tempo em que a sociedade exige dos cidadãos atitudes críticas, tomadas de decisões, reflexões sobre o seu próprio fazer. As mudanças acontecem a todo o momento e não nenhum tipo de preocupação se os profissionais da educação querem ou não essas mudanças, ninguém vai questionar qual é a vontade desses profissionais. A opção é mudar ou ficar parado no tempo vendo o “bonde” passar. Assim Freire (1979) enfatiza:

[...] a transição se torna então um tempo de opções. Nutrindo-se de mudanças, a transição é mais que mudanças. Implica realmente na marcha que faz a sociedade na procura de novos temas, de novas tarefas ou, mais precisamente, de sua objetivação. As mudanças se reproduzem numa mesma unidade de tempo, sem afetá-la profundamente. É que se verificam dentro do jogo normal, resultante da própria busca de plenitude que fazem esses temas. (p. 65)

Afinal é extremamente importante à interação do sujeito com as pessoas e com o meio, desde o momento de nosso nascimento passamos a interagir com o meio e com as pessoas, sendo esta uma relação de aprendizado. A partir do conhecimento compartilhado e interativo temos a promoção do novo, isto é, precisamos transformar concepções teóricas e metodológicas de modo que estas acompanhem toda a evolução tecnológica e científica que ocorre e que possivelmente ocorrerá no decorrer dos próximos anos. Uma mudança acompanhada de ações inovadoras rompe as barreiras impostas pelo conhecimento já estabelecido e fragmentado, a esse respeito Leite ressalta:

Em muitas inovações que vemos hoje implantadas pelos gestores do sistema de educação, as lógicas privilegiadas envolvem o curto prazo e a massificação, a classificação, a comparação e até mesmo a competição, o individualismo e o disciplinamento. Essas lógicas são reguladoras e se sustentam em um sistema regulador. Como dizem Forrestier e Lipovetzki, são lógicas do momento do capitalismo desordenado, de final de século, que contribuem para construir as subjetividades consumistas e midiáticas da “cultura do efêmero” e do “horror econômico”. A educação acrescenta, então, sua parcela de regulação social aos sistemas. Parcela essa reproduzida dos paradigmas da regulação econômica, que, em última análise, serve a exclusão social e, portanto, não serve a educação (2000, p.56).

As verdadeiras inovações devem possuir características importantes que levem os gestores dos sistemas educacionais a pensarem e planejarem estratégias que durem um longo prazo, a fuga da rotina e da massificação de respostas prontas, fazer com que alunos não sejam mais passivos de seguir modelos, que se tornem indivíduos atuantes, participativos e interativos, sobretudo críticos, somente assim será capaz de formar cidadãos capazes de agir em uma sociedade de forma a mudar e transformar aquilo que está imposto ao ser humano. E para que a escola se torne um lugar capaz de formar cidadãos com estas características atuantes, é preciso antes de tudo que o professor se torne um educador intelectual, curioso, entusiasmado com as possibilidades do ensinar e do aprender, aberto a ouvir e aceitar a opinião do outro e também capaz de motivar e dialogar. De acordo com Valente (1999, p. 41):

[...] A implantação de novas ideias depende, fundamentalmente, das ações do professor e dos alunos. Porém essas ações, para serem efetivas, devem ser acompanhadas de uma maior autonomia para tomar decisões, alterar o currículo, desenvolver propostas de trabalho em equipe e usar novas tecnologias de informação [...].

Mudar não é uma tarefa fácil, pois envolve decisão, ousadia e, sobretudo coragem, não ter medo de construir novas metodologias de ensino e fazer uso assim das TICs. Trabalhar de forma que o fio condutor da educação seja a aprendizagem do aluno, e que este possa ser o protagonista de sua construção, em que o professor se torne seu guia e mediador no processo do conhecimento, ensinar não implica em repassar conhecimento, mas um ato que deve ser regido pela curiosidade e vontade de aprender.

A Escola E As Tecnologias De Informação E Comunicação (TICS)

As reflexões em torno do assunto tecnologia e educação tomou conta da sociedade há várias décadas, na realidade desde que se notou sua influência na formação do sujeito contemporâneo, e da necessidade de explorar o assunto diante do rápido desenvolvimento nos meios de informação e comunicação. O mundo atual está passando por inúmeras e cada vez mais aceleradas transformações em torno de todos os campos da sociedade, desde o princípio da civilização o homem está sempre em busca de adaptações, mudanças, novos conhecimentos, aliás, fato este implícito em sua constante busca do saber e aprender.

A preocupação com o impacto que as mudanças tecnológicas podem causar no processo de ensino-aprendizagem impõe a área da educação a tomada de posição entre tentar compreender as transformações do mundo, produzir o conhecimento pedagógico sobre ele auxiliar o homem a ser sujeito da tecnologia, ou simplesmente dar as costas para a atual realidade da nossa sociedade baseada na informação. (SAMPAIO e LEITE, 2000, op cit SANTOS, 2012, p. 9)

Desde a década de 1940, quando se deu início as grandes transformações tecnológicas a sociedade atribuiu a escola e as instituições de ensino a responsabilidade de formação da personalidade do indivíduo, tendo em vista a transmissão cultural do conhecimento acumulado historicamente. No que se referem à escola as tecnologias sempre estiveram presentes na educação formal, o que faz necessário é o fato de que as instituições de ensino tem o papel de formar cidadãos críticos e criativos em relação ao uso dessas tecnologias. Para tanto é preciso que as mesmas abandonem a prática instrumental das tecnologias, e faça avaliações sobre o trabalho com a inserção das novas tecnologias educativas, visto que:

Dessa forma, temos de avaliar o papel das novas tecnologias aplicadas à educação e pensar que educar utilizando as TICs (e principalmente a internet) é um grande desafio que, até o momento, ainda tem sido encarado de forma superficial, apenas com adaptações e mudanças não muito significativas.

Sociedade da informação, era da informação, sociedade do conhecimento, era do conhecimento, era digital, sociedade da comunicação e muitos outros termos são utilizados para designar a sociedade atual. Percebe-se que todos esses termos estão querendo traduzir as características mais representativas e de comunicação nas relações sociais, culturais e econômicas de nossa época (SANTOS, 2012, p. 2).

A internet atinge cada vez mais o sistema educacional, a escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório as exigências da modernidade, seu papel é propiciar esses

conhecimentos e habilidades necessários ao educando para que ele exerça integralmente a sua cidadania, construindo assim uma relação do homem com a natureza, é o esforço humano em criar instrumentos que superem as dificuldades das barreiras naturais. As redes são utilizadas para romper as barreiras impostas pelas paredes das escolas, tornando possível ao professor e ao aluno conhecer e lidar com um mundo diferente a partir de culturas e realidades ainda desconhecidas, a partir de trocas de experiências e de trabalhos colaborativos.

Em uma sociedade com desigualdade social como a que vivemos, a escola pública em alguns casos torna-se a única fonte de acesso às informações e aos recursos tecnológicos, das crianças de famílias da classe trabalhadora baixa. A esse respeito Pretto (1999, 104) vem afirmar que “em sociedades com desigualdades sociais como a brasileira, a escola deve passar a ter, também, a função de facilitar o acesso das comunidades carentes às novas tecnologias”.

O uso da informática na educação implica em novas formas de comunicar, de pensar, ensinar/aprender, ajuda aqueles que estão com a aprendizagem muito aquém da esperada. A informática na escola não deve ser concebida ou se resumir a disciplina do currículo, e sim deve ser vista e utilizada como um recurso para auxiliar o professor na integração dos conteúdos curriculares, sua finalidade não se encerra nas técnicas de digitação e em conceitos básicos de funcionamento do computador, a tudo um leque de oportunidades que deve ser explorado por aluno e professores. Valente (1999) ressalta duas possibilidades para se fazer uso do computador, a primeira é de que o professor deve fazer uso deste para instruir os alunos e a segunda possibilidade é que o professor deve criar condições para que os alunos descreva seus pensamentos, reconstrua-os e materialize-os por meio de novas linguagens, nesse processo o educando é desafiado a transformar as informações em conhecimentos práticos para a vida. Pois como diz Valente:

[...] a implantação da informática como auxiliar do processo de construção do conhecimento implica mudanças na escola que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola – alunos, professores, administradores e comunidades de pais – estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverão fazer parte da mudança, porém essa mudança é mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para utilização dos mesmos. (1999, p. 4)

Implantar laboratórios de informática nas escolas não é suficiente para a educação no Brasil de um salto na qualidade, é necessário que todos os membros do ambiente escolar inclusive os pais tenham seu papel redesenhado.

Atualmente o mundo dispõe de muitas inovações tecnológicas para se utilizar em sala de aula, o que condiz com uma sociedade pautada na informação e no conhecimento, pois através desses meios temos a possibilidade virtual de ter acesso a todo tipo de informação independente do lugar em que nos encontramos e do momento, esse desenvolvimento tecnológico trouxe enormes benefícios em termos de avanço científico, educacional, comunicação, lazer, processamento de dados e conhecimento. Usar tecnologia implica no aumento da atividade humana em todas as esferas, principalmente na produtiva, pois, “a tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem” (Marx, 1988, 425).

Com toda essa disponibilidade é preciso formar cidadãos capazes de selecionar o que há de essencial nos milhões de informações contidas na rede, de forma a enriquecer o conhecimento e as habilidades humanas. Pois segundo Marchessou (1997):

[...] excesso nas mídias, onde as performances tecnológicas e o consumo de informação submergem, “anestesiaram” a capacidade de análise dessa informação e de reflexão tanto individual quanto social. Saturação e superabundância ameaçam o navegador da internet que, como certas pesquisas mostram, não tira partido das riquezas de informação pertinente, não estando formado para ir diretamente ao essencial. (1997, p. 15)

Antes de introduzir as novas mídias interativas nas aulas expositivas é preciso entender suas funcionalidades e as consequências de seu uso nas relações sociais, pois somente a partir desse momento é possível utilizá-las de forma a transformar as aulas em eventos de discussão onde ocorra de maneira efetiva a participação de todos os indivíduos, bem como professores, alunos e

pesquisadores, propiciando assim a comunicação que só é possível a partir do momento que todas as partes se envolvem.

Para que os recursos tecnológicos façam parte da vida escolar é preciso que alunos e professores o utilizem de forma correta, e um componente fundamental é a formação e atualização de professores, de forma que a tecnologia seja de fato incorporada no currículo escolar, e não vista apenas como um acessório ou aparato marginal. É preciso pensar como incorporá-la no dia a dia da educação de maneira definitiva. Depois, é preciso levar em conta a construção de conteúdos inovadores, que usem todo o potencial dessas tecnologias.

A incorporação das TICs deve ajudar gestores, professores, alunos, pais e funcionários a transformar a escola em um lugar democrático e promotor de ações educativas que ultrapassem os limites da sala de aula, instigando o educando a enxergar o mundo muito além dos muros da escola, respeitando sempre os pensamentos e ideais do outro. O professor deve ser capaz de reconhecer os diferentes modos de pensar e as curiosidades do aluno sem que aja a imposição do seu ponto de vista, pois com lembra Freire:

Não haveria exercício ético-democrático, nem sequer se poderia falar em respeito do educador ao pensamento diferente do educando se a educação fosse neutra – vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classes sociais. Falaríamos apenas de equívocos, de erros, de inadequações, de “obstáculos epistemológicos” no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender. A dimensão ética se restringiria apenas à competência do educador ou da educadora, à sua formação, ao cumprimento de seus deveres docentes, que se estenderia ao respeito à pessoa humana dos educandos. (2001, p. 38-39)

As escolas são locais onde ocorre a emancipação do estudante, desde cedo já se molda cidadãos conscientes de suas responsabilidades socioambientais, formar-se indivíduos empreendedores do conhecimento e lapidam-se vocações. Portanto a necessidade de que os ambientes educativos se tornem lugares onde crianças e jovens tenham habilidades de interferir no conhecimento estabelecido, desenvolver novas soluções e aplicá-las de forma responsável para o bem estar da sociedade. Como Piaget (2002) enunciou: “A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram”.

Podemos considerar que a educação ao longo da vida será o único meio de evitar a desqualificação profissional e de atender às exigências do mercado de trabalho da sociedade tecnológica. Assim segundo BELLONI (1999) op cit CAPELLO (2011), faz-se necessário uma flexibilização forte de recursos, tempos, espaços e tecnologias, que abrigam à inovação constante, por meio de questionamentos e novas experiências.

Nesse processo colaborativo de interatividade, o educador deve assumir um novo papel no processo educacional, deixar de lado a postura de provedor de conhecimento e atuar como mediador, até mesmo porque diante dos rápidos avanços em sua área, somente um profissional pleno e capaz de se ajustar aos avanços tecnológicos sobreviverá nesse mercado. É fundamental que o professor se torne mediador e principalmente orientador na aprendizagem mediada pelas novas tecnologias, pois é seu papel criar novas possibilidades para ensinar e aprender. Segundo Moran (2000) o papel do professor é dividido em:

Orientador/mediador intelectual – informa, ajuda a escolher as informações mais importantes, trabalha para que elas sejam significativas para os alunos, permitindo que eles a compreendam, avaliem – conceitual e eticamente -, reelaborem-nas e adaptem-nas aos seus contextos pessoais. Ajuda a ampliar o grau de compreensão de tudo, a integrá-lo em novas sínteses provisórias.

Orientador/mediador emocional – motiva, incentiva, estimula, organiza os limites, com equilíbrio, credibilidade, autenticidade e empatia.

Orientador/mediador gerencial e comunicacional –organiza grupos, atividades de pesquisa, ritmos, interações. Organiza o processo de avaliação. É a ponte principal entre a instituição, os alunos e os demais grupos envolvidos (comunidade). Organiza o equilíbrio entre o planejamento e a criatividade. O professor atua como orientador comunicacional e tecnológico; ajuda a desenvolver todas as formas de expressão, interação, de sinergia, de troca de linguagens, conteúdos e tecnologias.

Orientador ético – ensina a assumir e vivenciar valores construtivos, individual e socialmente, cada um dos professores colabora com um pequeno espaço, uma pedra na construção dinâmica do “mosaico” sensorial-intelectual-emocional-ético de cada aluno. Esse vai valorizando continuamente seu quadro referencial de valores, ideias, atitudes, tendo por base alguns eixos fundamentais comuns como a liberdade, a cooperação, a integração pessoal. Um bom educador faz a diferença. [grifos do autor] (p. 30-31)

A educação não pode mais viver sob o modelo antigo, sob o risco de virar virtual e invisível para a sociedade, às novas tecnologias devem ser exploradas para servir como meios de construção do conhecimento, e não somente para a sua difusão. Nos últimos anos a presença dos alunos em sala de aula diminuiu consideravelmente, sem falar nas universidades onde alunos viraram atores virtuais, invisíveis para a estrutura acadêmica, eles tem buscado na internet as fontes de conteúdos programáticos das disciplinas, ignoram a oportunidade de debates e reflexões em sala de aula.

Diferente de anos atrás, hoje os alunos tem acesso muito mais rápido e fácil às informações, esse fator tornou as aulas expositivas desinteressantes e assim sua presença se tornou limitada, aos eventos protocolares como: exames e atividades extraclasse. O horizonte de uma criança, de um jovem, hoje em dia, ultrapassa claramente o limite físico da sua escola, da sua cidade ou de seu país, quer se trate do horizonte cultural, social, pessoal ou profissional. Diante disso é importante lembrarmos que os professores não nasceram digitalizados, enquanto seus alunos, sim.

Segundo Xavier (2005), as novas gerações tem adquirido o letramento digital antes mesmo de ter se apropriado completamente do letramento alfabético ensinado na escola. Esta intensa utilização do computador para a interação entre pessoas a distancia, tem possibilitado que crianças e jovens se aperfeiçoem em práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramentos e alfabetizações. Essas inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas que vem ocorrendo no mundo desde que os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte intensamente do cotidiano das pessoas.

A aprendizagem intermediada pelo o computador gera profundas mudanças no processo de produção do conhecimento, se antes as únicas vias eram de sala de aula, o professor e os livros didáticos, hoje é permitido ao aluno navegar por diferentes espaços de informação, que também nos possibilita enviar, receber e armazenar informações virtualmente.

O trabalho educacional a partir da informática tem papel fundamental na prática pedagógica das escolas, pois possibilita a transição de um sistema de ensino fragmentado para uma abordagem de conteúdos integrados. Sendo possível também o processo de criação, busca, interesse e motivação, através de atividades que exigem planejamento, tentativas, hipóteses, classificações e motivações, impulsionando a aprendizagem por meio da exploração que estimula a experiência. Segundo Oliveira (2000), os trabalhos pedagógicos podem ser coerentes com a visão de conhecimento que integre o sujeito e objetivo, assim como aprendizagem e ensino. Nessa perspectiva, as tecnologias tornam-se ferramentas poderosas, capazes de ampliar as chances de aprendizagem do aluno.

O computador e os demais aparatos tecnológicos são vistos como bens necessários dentro dos lares e saber operá-los constitui-se em condição de empregabilidade e domínio da cultura, é impossível fechar-se a esses acontecimentos.

Quem de nós não se lembra dos ditados de palavras e das regras gramaticais decoradas sem que soubéssemos qual seria a situação em que um dia poderíamos usa-las? Sem esquecermos também, das variadas datas comemorativas, fórmulas de matemáticas, química e física, ossos e órgãos do corpo humano e acidentes geográficos, todas as atividades decorativas que fazíamos sem entender qual seria o significado aquilo poderia ter para nossa vida, muitas vezes ouvíamos de nossos professores que um dia precisaríamos daquele conhecimento. Mas como incorporá-los se naquele momento eles não faziam sentido a nós, pareciam apenas regras a serem decoradas para resolução de exercícios e de avaliações.

Com grande frequência temos ouvido professores reclamarem que seus alunos não sabem escrever, e da parte dos alunos ouvimos, que a escola os leva a escrever sobre coisas que não tem significado algum para a sua realidade.

Notemos que atualmente não se trata mais apenas de fazer redações escolares com começo, meio e fim. Com a era digital, as crianças estão se tornando especialistas em lidar com o hipertexto, o sistema informação que inclui textos, fotos, áudio e vídeo, com infinitas possibilidades de navegação. No que se refere o hipertexto é preciso que o internauta desenvolva habilidades de avaliar criticamente as informações encontradas e saiba identificar quais são as fontes mais confiáveis entre as inúmeras apresentadas. Por essa razão é importante que o professor tenha conhecimento sobre o hipertexto e a linguagem utilizada na internet, para poder assim melhor orientar seus alunos.

Ferreiro (2000) afirma que o laboratório de computação na escola possibilita aos jovens o ato de escrever e publicar. Muitas vezes a escrita na escola pode se tornar algo maçante, visto que na maioria das vezes o único a ler e ter contato com os textos escritos pelos alunos é o professor. O fato de se escrever apenas por encomenda na escola, onde o professor solicita aos alunos a produção de uma redação, este a faz e aquele corrige isto é algo que se torna para o aluno muito sofrido, afinal escrever para quê? Ou melhor, para quem? Notemos que falta ao aluno motivação para fazer um bom texto, fazer só porque o professor solicitou torna a atividade desagradável e descontextualizada.

A integração da tecnologia de informação e comunicação na escola favorece em muito a aprendizagem do aluno e a aproximação de professores e alunos, pois através deste meio tecnológico ambos tem a possibilidade de construir conhecimento através da escrita, reescrita, troca de ideias e experiências, o computador se tornou um grande aliado na busca do conhecimento, pois se trata de uma ferramenta que auxilia na resolução de problemas e até mesmo no desenvolvimento de projetos. As TICs têm como característica o fazer e o refazer, transformando o erro em algo que pode ser refeito e reformulado instantaneamente para produzir novos saberes, cada indivíduo que explora as tecnologias de informação e comunicação se torna um emissor e receptor de informações, mais especificamente leitor, escritor e comunicador, esse emaranhado de possibilidade ocorre graças ao poder persuasivo das informações contidas nas TICs que envolve o sujeito incitando-o à leitura e à expressão através da escrita textual e hipertextual.

A internet proporciona ao professor compreender a importância de ser parceiro de seus alunos, navegar junto com os alunos apontando possibilidades de percorrer novos caminhos sem a preocupação de ter experimentado passar por eles algum dia, provocando assim a descoberta de novos significados, permitindo aos alunos resolverem problemas ou desenvolverem projetos que tenham sentido para a sua aprendizagem, é nesse processo que a educação resultaria em um exercício ético-democrático:

Não haveria exercício ético-democrático, nem sequer se poderia falar em respeito do educador ao pensamento diferente do educando se a educação fosse neutra – vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classe sociais. Falaríamos apenas de equívocos, de erros, de inadequações, de “obstáculos epistemológicos” no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender. A dimensão ética se restringiria apenas à competência do educador ou da educadora, à sua formação, ao cumprimento de seus deveres docentes, que se estenderia ao respeito à pessoa humana dos educandos. (FREIRE, 2001^a, p. 38-39)

O processo de incorporação das tecnologias nas ações docentes guia professores e alunos para uma educação libertadora e humanista, na qual homens e mulheres imergem na construção do conhecimento, se tornando sujeitos da condução de sua própria aprendizagem, ou seja, um sujeito participativo e responsável pela sua própria construção, deixando de lado o sujeito passivo para se tornar autônomos e cidadãos democráticos do saber, a esse respeito Freire enfatiza que:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, portanto esse é inacabado. Isso leva a sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (FREIRE, 1979, p. 27-28)

Uma educação comprometida é aquela que propicia aos seus indivíduos o desenvolvimento e autoformação, disponibiliza e oportuniza aos seus indivíduos o papel de construção de sua própria história, de sua autonomia de negociar e tomar decisões em defesa de seus direitos e de sua coletividade, pois é a partir da autonomia que o indivíduo conquista e exerce sua plena cidadania. É importante frisarmos aqui que a autonomia não é algo que se transmite ao aluno, mas que se constrói e conquista conforme sua vivência, cada homem constrói sua autonomia de acordo com as várias decisões tomadas ao decorrer de seu dia e de sua vida. Freire defende que: “o respeito à autonomia

e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (1996, p. 66). A autonomia ajuda o homem a se tornar um cidadão crítico, libertar-se do comodismo, da passividade, da omissão e da indecisão.

As TICs também tem papel fundamental no desenvolvimento de projetos, pois permite o registro desse processo construtivo, funciona como um recurso que irá diagnosticar o nível de desenvolvimento dos alunos, suas dificuldades e capacidades, favorecendo também a identificação e a correção dos erros e a constante reelaboração, sem perder aquilo que já foi criado.

Uma inovação é como ver algo novo nas coisas às vezes conhecidas, deve-se pensar em ações que promovam novos papéis para a escola, ações em que a utilização das TICs no contexto educacional estabeleça uma rede dialógica de interação com o intuito de promover a ruptura do distanciamento entre sujeito-sociedade.

O computador ligado à internet propicia ao professor atuar de forma diferente em sala de aula, é possível instigar os alunos a desenvolver pesquisas, investigações, críticas, reflexões, aprimorar e transformar ideias e experiências, não é preciso que professores se tornem donos da verdade e do conhecimento, mas sim parceiros de seus alunos, andando juntos em busca de um mesmo propósito o conhecimento e a aprendizagem. Essa atuação leva os profissionais da educação a se desprender do livro didático, que deixa de ser o guia da prática do professor e passa a ser mais uma, entre outras, fontes de informação e de desenvolvimento do trabalho.

No momento atual em que a sociedade vive é imprescindível que a educação caminhe no sentido do conhecimento compartilhado, com liberdade para se expressar e se comunicar.

O professor que caminha de forma a tentar conhecer o aluno e entendê-lo em sua realidade, é um profissional que podemos considerar ativo, crítico empenhado no seu papel de ensinar, pois a partir do momento que se sente desafiado pelo aluno, este vive uma busca constante do aprendizado ao ensino.

Atualmente o professor não é um mero propagador de conhecimento, mas sim ambos (aluno e professor) são parceiros do ensino-aprendizagem, o professor tem o papel de planejar a aula de acordo com a necessidade de seus alunos e estes também tem seu papel que é contribuir com aquilo que deseja aprender, como por exemplo, o tema a ser abordado, no qual se leva em conta dúvidas, curiosidades, indagações, conhecimentos prévios, valores, descobertas, interesses. O professor é desafiado a conhecer seu aluno, não é mais apenas aprendiz de conteúdo, mas de indivíduo, para que possa respeitar os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, temos uma situação que não é mais o professor o único a planejar as aulas para os alunos executar, e sim ambos trabalham em busca de aprendizagem, cada atuando segundo o seu papel e nível de desenvolvimento.

Notemos que é a partir do respeito e da confiança que aluno e professor caminharão para uma escola nova e avançada, onde há preocupação com aquilo que se é proposto para o aluno ler, pois é através de uma leitura prazerosa que acontece o despertar para outras leituras e para uma escrita criativa. Assuntos interessantes levam a questionamentos, a participações efetivas, espírito cooperativo e solidário em ambiente escolar.

A mudança na escola começa a partir de uma mudança pessoal e profissional, capaz de levantar uma escola que incentive a imaginação, a leitura prazerosa, a escrita criativa, favoreça a iniciativa, a espontaneidade, o questionamento, que se torne um ambiente onde promova e vivencie a cooperação, o diálogo, a partilha e a solidariedade.

Enfim para que todo esse leque de oportunidades aconteça, seja vivenciado é preciso que professor e aluno andem juntos, trabalhem num mesmo ritmo de cooperatividade, principalmente falem a mesma língua que é a da era da informação, pois somente trabalhando os interesses da juventude será possível um aprendizado de forma gratificante e com resultados positivos para ambos os envolvidos no ensino-aprendizagem.

O Uso Da Internet: Uma Metodologia Dinâmica De Ensino

Segundo o autor José Manuel Mouran (1997), a internet é entre tantos mais um rico recurso para uma metodologia dinâmica de ensino, quando bem explorada nos proporciona uma vasta quantidade de ferramentas que podem enriquecer o processo de ensino aprendizagem, entre tantos artifícios,

selecionamos os seguintes recursos: o alto poder de divulgação, pesquisa, comunicação, exploração, informação, educativos.

O ato de divulgar pode ser ou não institucional, objetivos de trabalho que a escola possui, ou divulgação específica da biblioteca, dos educadores e educandos ou até mesmo por grupos que podem divulgar seus trabalhos, ideias e projetos. Cabe aqui ressaltar que os alunos tem muito mais prazer em escrever quando sabe que outras pessoas terão acesso ao seu texto, assim é preciso em conversar selecionar assuntos que são de interesse dos educandos para que esses possam produzir texto de opinião que por fim serão publicados na rede social.

As pesquisas podem ser realizadas durante as aulas ou na biblioteca, salas de laboratórios, como sendo atividade livre ou opcional, individual ou em grupo. Vale lembrar que o professor nesse momento deve estar atento para orientar os alunos nas escolhas das informações, ambos trabalhando em conjunto para a escolha de conteúdos significativos, que ampliem o grau de compreensão e conhecimento do educando, e que estes se tornem capazes de avaliar e reelaborar suas próprias escolhas.

A comunicação, bem como o correio eletrônico, Web, lista de grupos de discussão são outras formas metodológicas que podem ser utilizadas pelos educadores. Estas novas práticas beneficiam a facilidade para trocas de informação por grupos a fins, o professor deve ser capaz de ajudar seus alunos a criarem seu próprio endereço eletrônico e fazer uso deste para armazenar informações e troca-las com outros grupos, o que torna possível também as trocas de experiências, culturas, informações e ideias, este é um meio bastante eficaz na integração do indivíduo a sociedade, pois proporciona que este interage em grupo, tornando-o um indivíduo cooperativo, criativo, crítico e responsável, pois ele de forma consciente faz suas próprias escolhas e toma suas decisões.

A internet é uma excelente fonte Informativa como instrumento para a vida escolar e acadêmica é a maior potencialidade das tecnologias. Porém não se pode limitar apenas como receptor de informações, mas sim, como um distribuidor através da lista de discussão, WWW.

Mouran (1997) contribui em muito com nosso trabalho ao relatar algumas metodologias que desenvolveu em instituições públicas de ensino. O primeiro passo foi introduzir a internet para que os educandos conhecessem e aprendessem a lidar com esta, logo após cadastrou os alunos para que tivessem um email pessoal, assim poderiam pesquisar e guardar suas pesquisas, endereços e artigos. Essa atividade de integração do indivíduo com o meio tecnológico para que esse fizesse uso dessa ferramenta em benefício a sua aprendizagem, motivou os alunos nas aulas, contribuiu no desenvolvimento da instituição, na flexibilidade mental, adaptação a ritmos diferentes, desenvolvimento de novas formas de comunicação, aumento do interesse pelo estudo de línguas, ampliação das conexões linguísticas, geográficas e interpessoais. Podemos observar que o simples ato de introduzir a internet a sua prática cotidiana, permitiu ao educando lidar com novos desafios e estimular a prática de trabalho cooperativo.

Um processo de ensino também muito interessante se quando realizado de forma satisfatória e comprometido é o ato de ensinar, aprender e desenvolver a prática pedagógica por meio da integração das TICs e em especial quando realizada a integração de conteúdos escolares por meio de projetos interdisciplinares, torna o aluno muito mais ativo, aprendendo a fazer, testar e levantar ideias e hipóteses, o que o torna investigativo e selecionador daquilo que lhe é proposto como estudo. Cabe ao professor gerar situações instigantes que levem os alunos interagir, trabalhar em grupo, e consequentemente produzir novos saberes.

O ato de associar a utilização das tecnologias à Metodologia de Projetos no ambiente escolar favorece o aprendizado, pois a aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsavelmente do seu processo, quando o aluno envolve sua inteligência e seus sentimentos, o aprender se torna impregnante e durável.

A aprendizagem por meio de projetos propõe uma formação de indivíduos com uma visão global da realidade, o que o prepara para a aprendizagem ao longo da vida, visto que, quanto maior o envolvimento do aprendiz com o seu processo de aprendizagem, com os objetivos de seu conhecimento, maiores serão as possibilidades de uma aprendizagem significativa, é preciso que o aluno entre em contato com o meio, isto é, com seu objeto de estudo para que faça sentido para sua realidade vivida, não basta apenas realizar pesquisas bibliográficas, é preciso envolvimento. Os

projetos constituem uma forma de incentivar e desenvolver os recursos da inteligência e da sensibilidade, envolvendo o aluno e criando condições para a busca de novos conhecimentos, soluções para problemas e fatos que tem algum significado para ele, o que faz desta metodologia uma aliada importante no esforço de incorporar as TICs. Assim Valente lembra:

No trabalho com projetos há de se ir além da superação de desafios, buscando desvelar e formalizar os conceitos implícitos no desenvolvimento do trabalho para que se estabeleça o ciclo da produção do conhecimento científico que vai tecendo o currículo na ação. (VALENTE, s/d, p.30)

Podemos nesse momento fazer uma breve exposição sobre os elementos que compõe as tecnologias e que podem ajudar no ensino aprendizagem quando bem exploradas pelos protagonistas do sistema educacional. Esses elementos são: rapidez, recepção individualizada, interatividade e participação, hipertextualidade e realidade virtual.

Rapidez – a rapidez com que a informação chega até nós é uma das grandes características das TICs, temos acesso a todos os tipos de informação em tempo quase que real. Hoje com o uso da internet os jovens são capturados pelas múltiplas linguagens e sentido, adquirem habilidades sem o menor auxílio da escola, pois na maioria das vezes a escola ainda esta naquela de preparar seus alunos para ler símbolos (palavras e frases) em textos escritos, sem considerar imagens e as linguagens dos diferentes suportes tecnológicos presentes na atualidade. O que temos presenciado no ensino são as tecnologias e seus aparatos chegando aos alunos de forma direta sem haja a intervenção de um mediador para prepará-lo a lidar com aquele meio e suas abundantes informações.

Recepção individualizada - a grande maioria dos docentes trabalha de forma única, sem consideração aos anseios e necessidades individuais dos estudantes, muitas vezes devido a sala de aula estar cheia o professor tem dificuldade de aproximar de seus alunos e assim realizar um trabalho de acordo com os anseios, possibilidades e realidades destes. Assim jovens acabam se envolvendo com a tecnologia segundo seu modo de viver e ver a realidade, utilizando-se das representações pessoais e sociais para compor e (re)criar seu próprio valores e conceitos.

Interatividade e participação – através das múltiplas funcionalidades da internet, sendo os jogos um de seus componentes, os jovens desenvolvem capacidades como, construir e intervir na história, escolher os caminhos, criar e experimentar possibilidades, discutir e compartilhar as descobertas com os amigos, essa estimulação acaba por acontecer com uma máquina que estimula seu usuário a querer participar, a discutir e compartilhar as descobertas com os amigos. Enquanto a escola por muitas vezes esta distante do universo de seus alunos, na busca de atender às exigências curriculares, acaba por não incentivar a autonomia e participação entre os jovens, possibilitando ensinamentos e experiências descontextualizadas do universo adolescente.

Hipertextualidade – através de textos virtuais, alunos tem que descobrir alternativas que o tornem mais competente em suas escolhas e decisões, mesmo que estas aconteçam por ensaios e erros. O texto virtual permite associações, mixagens, e faz com que o usuário tenha diferentes opções de escolha, seja sujeito em busca da complexidade de informações/caminhos que, na maioria dos processos escolares, não é usual, pois os currículos escolares não dão conta, por exemplo, de situações vividas pelos jovens em contato com outros jovens em situações do dia a dia de incertezas, acertos, erros, medos, entre outros aspectos. A educação por hipertextos possibilita ao estudante ações de decisão, visto que este é responsável pela seleção e produção de caminhos e informações.

Realidade virtual – o individuo interage com a realidade das imagens, criando elementos próprios para entender a situação virtual. A realidade virtual prazerosa tem um pequeno lugar pedagógico, principalmente nos primeiros anos escolares, com a fantasia das histórias contadas, no entanto, na continuidade da vida escolar trabalha-se mais textos formais, distantes das emoções, dos desejos e do conhecimento informal do cotidiano dos alunos. Entendemos que o prazer da aprendizagem pode ser obtido através de componentes que respondam aos anseios imaginários dos estudantes e propiciem a eles vivências significativas e criativas.

Como podemos ver o frequente uso das tecnologias desperta a imaginação, investe na afetividade e nas relações como mediação primordial no mundo, sua incorporação no ambiente escolar pode ensinar seus individuos a respeitar o diferente, a vencer obstáculos, a trabalhar coletivamente, entre outros aspectos, o que pretendemos com esse trabalho não é propor uma nova didática, mas uma

REFERÊNCIAS

Os links citados abaixo servem apenas como referência. Nos termos da lei brasileira (lei no 9.610/98, art. 8o), não possuem proteção de direitos de autor: As ideias, procedimentos normativos, sistemas, métodos, projetos ou conceitos matemáticos como tais; Os esquemas, planos ou regras para realizar atos mentais, jogos ou negócios; Os formulários em branco para serem preenchidos por qualquer tipo de informação, científica ou não, e suas instruções; Os textos de tratados ou convenções, leis, decretos, regulamentos, decisões judiciais e demais atos oficiais; As informações de uso comum tais como calendários, agendas, cadastros ou legendas; Os nomes e títulos isolados; O aproveitamento industrial ou comercial das ideias contidas nas obras.

Caso não concorde com algum item do material entre em contato com a Domina Concursos para que seja feita uma análise e retificação se necessário

A Domina Concursos não possui vínculo com nenhuma banca de concursos, muito menos garante a vaga ou inscrição do candidato em concurso. O material é apenas um preparatório, é de responsabilidade do candidato estar atento aos prazos dos concursos.

A Domina Concursos reserva-se o direito de efetuar apenas uma devolução parcial do conteúdo, tendo em vista que as apostilas são digitais, isso, [e, não há como efetuar devolução do material.

A Domina Concursos se preocupa com a qualidade do material, por isso todo conteúdo é revisado por profissionais especializados antes de ser publicado.



Prezado cliente,

É com imensa satisfação que expressamos nossa profunda gratidão pela sua escolha em adquirir suas apostilas de estudos conosco. A preferência pelo nosso serviço é motivo de grande alegria e reforça nosso compromisso em fornecer materiais de alta qualidade para contribuir efetivamente em seu caminho educacional.

Aqui na nossa loja, dedicamo-nos diariamente para oferecer produtos que atendam não apenas às suas necessidades de aprendizado, mas que também superem suas expectativas. Cada compra realizada é um voto de confiança em nossa equipe, e estamos comprometidos em corresponder a essa confiança através de excelência em produtos e atendimento.

Saiba que sua decisão de confiar em nós para sua jornada de estudos é valorizada e respeitada. Estamos sempre empenhados em aprimorar nossos serviços para garantir que sua experiência seja positiva e produtiva. Se houver algo específico que possamos fazer para melhor atendê-lo, por favor, não hesite em nos informar.

Agradecemos por fazer parte da nossa comunidade de clientes e por escolher a qualidade e confiabilidade das nossas apostilas. Estamos ansiosos para continuar a servi-lo com dedicação e comprometimento.

Atenciosamente, Domina Concursos.



contato@dominaconcursos.com.br



WhatsApp (48) 9.9695-9070



Rua Aracatuba, nº 45,
Centro, Criciúma/SC - CEP
88810-230